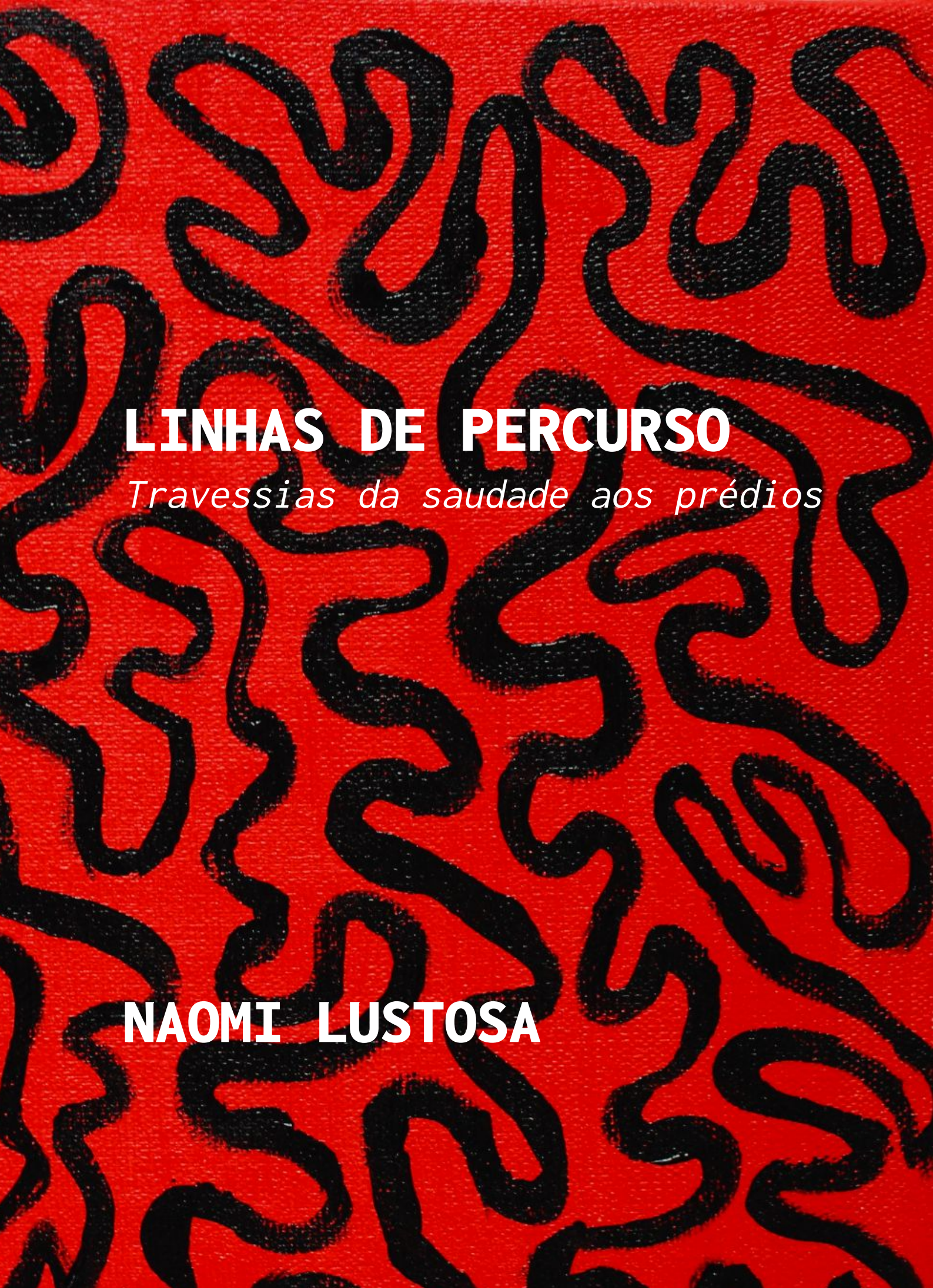




LINHAS DE PERCURSO

Travessias da saudade aos prédios

NAOMI LUSTOSA

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

INSTITUTO DE ARTES - CAMPUS DE SÃO PAULO - SP

LINHAS DE PERCURSO

TRAVESSIAS DA SAUDADE AOS PRÉDIOS

INGRID NAOMI BARBOSA LUSTOSA

NAOMI LUSTOSA

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Artes Visuais

SÃO PAULO - SP

2022

Ingrid Naomi Barbosa Lustosa / Naomi Lustosa

Linhas de Percurso: Travessias da saudade aos prédios

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes São Paulo, da Universidade Estadual Paulista, para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais, sob orientação da Prof^a Mestra Kátia Fernanda Fiera.

SÃO PAULO - SP

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

L9721 Lustosa, Naomi (Ingrid Naomi Barbosa Lustosa), 1994-
Linhas de percurso : travessias da saudade aos prédios /
Ingrid Naomi Barbosa Lustosa. - São Paulo, 2022.
96 p. : il. color.

Orientadora: Prof.^a M.^a Katia Fernanda Fiera
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes
Visuais) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Instituto de Artes

1. Livros de artistas. 2. Narrativas pessoais. 3.
Poesia. 4. Desenho a carvão. 5. Arte e fotografia. I.
Fiera, Katia Fernanda. II. Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Artes. III. Título.

CDD 709.05

Ingrid Naomi Barbosa Lustosa / Naomi Lustosa

Linhas de Percurso: Travessias da saudade aos prédios

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes
São Paulo, da Universidade Estadual
Paulista, para obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais, sob
orientação da Profª Mestra Kátia
Fernanda Fiera.

Aprovada em:

_____	_____
Profª Mestra Kátia Fernanda Fiera	data

_____	_____
Profª Drª Renata Pedrosa Romeiro	data

RESUMO

Apresentado como um Livro de Artista, *Linhas de Percurso* investiga a minha trajetória pessoal e familiar a partir de duas observações: enxergar linhas em tudo e me identificar como alguém sempre posta a mudar. Busco, através do pertencer, uma forma de diálogo com o Outro. Proponho no percurso poético do livro, uma reflexão a respeito do pertencimento de corpos que vagueiam. Fotografias, carvão e poesia se embaralham a fim de instigar quem lê a percorrer mapas de afeto.

Palavras-chave: Pertencimento, Desenho, Fotografia, Poesia, Livro de Artista

ABSTRACT

Presented as an Artist's Book, "Linhas de Percurso" investigates my own personal trajectory and family stemming from two observations: Seeing lines in everything and identifying myself as a person who is always open to change. I search through the belong to, some kind of dialogue with The Other. I have as proposition in the book a poetic journey, a reflection about the sense of belonging of the bodies who roam. Photographs, coal and poetry are shuffled in order to instigate the reader to travel through affectives maps.

Key-words: Belonging, Draw, Photograph, Poetry, Artist's Book

SINTESI

Presentato come un libro d'artista, Linhas de Percurso indaga la mia traiettoria personale e familiare sulla base di due osservazioni: vedere linee in ogni cosa e identificarmi come una persona sempre pronta a cambiare. Cerco, attraverso l'appartenenza, una forma di dialogo con l'Altro. Propongo nel percorso poetico del libro una riflessione sull'appartenenza dei corpi erranti. Fotografie, carbone e poesia si mescolano per istigare il lettore a percorrere mappe di affetto.

Parole-chiave: Appartenenza, Disegno, Fotografia, Poesia, Libro d'artista

Agradeço aos meus amores
aos meus afetos
às minhas saudades
à minha coragem

Agradeço por saber que sem nós
ao fim eu não chegaria

e sem acabar
eu não poderia novamente partir

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO - O INÍCIO DE UMA VIAGEM	10
2. PERTENCER	13
3. ATRAVESSAR	21
4. PERCORRER	49
5. OLHAR	65
6. CONCLUSÃO - MORTE E FINITUDE	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92

Ir. Deixar algum lugar.
Atravessar. Ir de um lado para o outro.
Deslocar. Fazer mudar de lugar.
Perder. Não saber para que lado ir.
Partir. Lançar-se a.
Deixar. Desprender de.
Passar. Ir além de.
Vagar. Entregar-se a.
Olhar. Fitar os olhos em.
Guardar. Ter em si.
Colecionar. Fazer reunir.
Habitar. Estar presente.
Percorrer. Passar ao longo ou através de.
Pertencer. Ter relação com.

1. INTRODUÇÃO - O INÍCIO DE UMA VIAGEM

As indagações explícitas do meu trajeto com essa pesquisa nasceram pela observação de dois aspectos muito latentes: enxergar linhas em tudo e me identificar como alguém sempre posta a mudar. Ambas as percepções me trouxeram uma certeza interessante e relativamente peculiar: as conexões entre os pontos me trazem calma. Um estado de paz.

A partir do movimento entre um lugar e outro, eu me reconheci sendo corpo-ponto contínuo. Consciente do meu incessante deslocamento e do meu tempo finito, gosto de me perder e aceito as perdas vindas dessas vivências. Parto e me transformo. Dentro e fora.

Porém é também por vezes não saber para que lado ir, que tenho a necessidade da revisitação e do diálogo entre o presente e o passado. Para saber com o que me relaciono, memórias, histórias e documentos são acessados. É com urgência em estar de novo no que foi que pode-se entender onde está.

O Trabalho de Conclusão de Curso a seguir será apresentado como um livro de artista. Busco, através do **pertencer**, uma forma de diálogo com o Outro. Proponho no percurso poético do livro, uma reflexão a respeito do pertencimento de corpos que vagueiam. Fotografias, carvão e poesia se embaralham a fim de instigar quem lê a percorrer mapas de afeto.

Todo mundo nasce de uma história em continuação

Eu sou filha do acaso
e do encontro entre estados
Sempre vinda por quem precisou mudar

Isso é sobre encontrar pertencimento
em o que fui,
em o que sou
e
por onde vou



2. PERTENCER

Ser sujeito da constante travessia é perceber-se estranha diante da frequente pergunta sobre o pertencimento: **de onde você é?** A principal resposta vem por meio daquele lugar que escrevem em nossas certidões de nascimento. Complica um pouco mais, porém ainda é simples responder, que somos de uma outra cidade quando só nascemos, partimos e passamos uma boa parcela do tempo de vida neste outro lugar. Quando compreendemos *pertencer* como *ter relação com* entendemos que é além das demarcações geográficas e documentos pessoais que nos afirmamos como Eu.

Por muitos anos tive a plena certeza de onde eu vinha. A minha primeira grande mudança geográfica foi a responsável por iniciar o embaralhar das cartas sobre com o que e com quem ocorrem as minhas relações. A primeira cidade distinta da que vivi em todos os anos anteriores e da qual eu tinha nascido, ainda me permitia responder a pergunta de uma forma rápida. Quando me entendi como andarilha, a questão comum começou a gerar uma dificuldade em ser expressa.

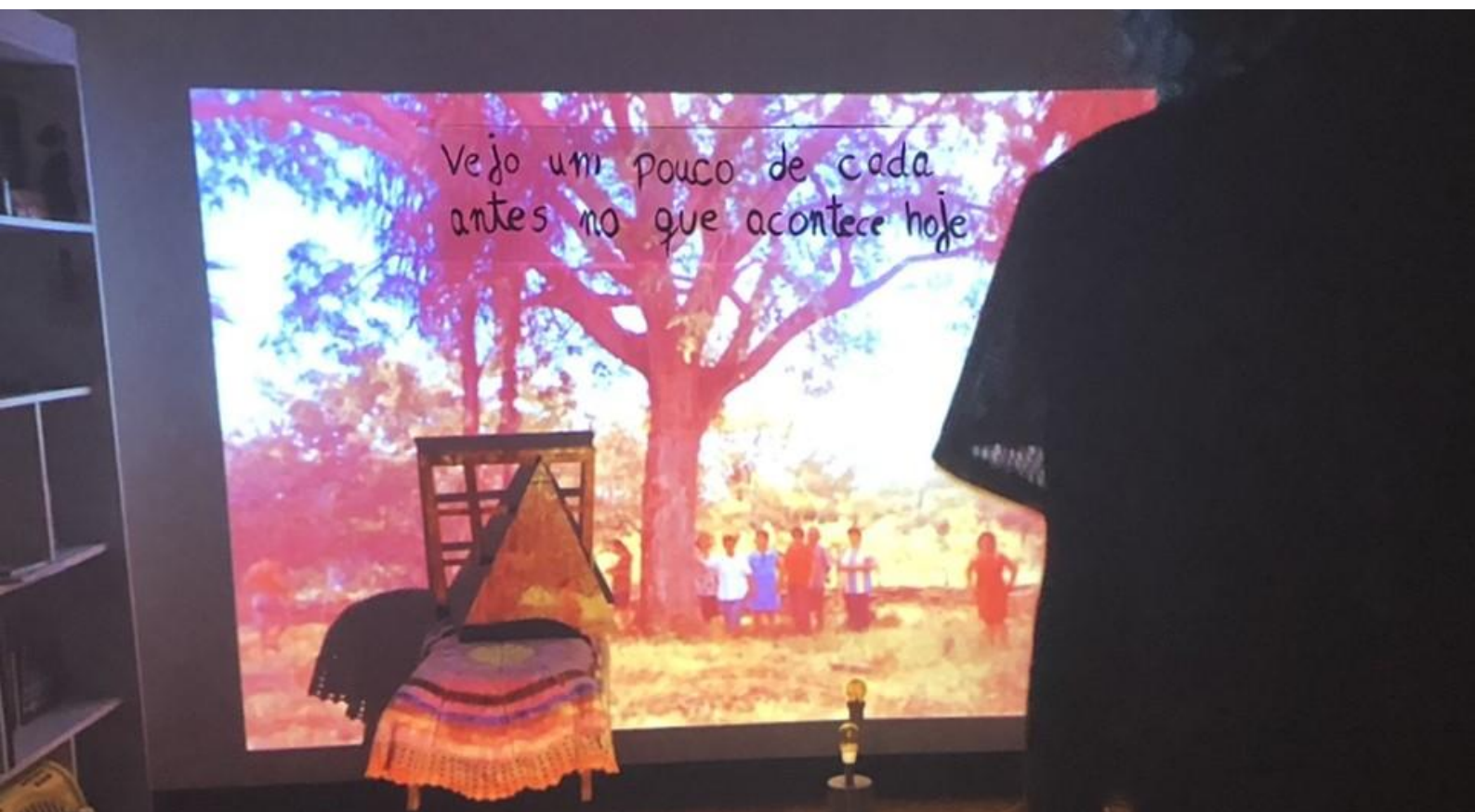
As situações mais frequentes aconteciam em apresentações pessoais de primeiro contato ou quando percebiam que meu sotaque era tão diferente daquele novo espaço que eu estava me instaurando. Fui experimentando assim diversas respostas: "nasci em Teresina, no Piauí, mas acabei de vir do Acre", "sou de Teresina, mas morei em vários outros estados", "sou nordestina, mas morei no ABC paulista por quase 10 anos" ou apenas respondia rapidamente com "sou do Brasil" na espera de descobrir o que exatamente queriam saber de mim. Cada resposta, uma reação distinta se apresentava na outra pessoa. Como eu poderia dizer precisamente de onde eu vinha, se eu não sabia qual a resposta que o Outro gostaria de alcançar?

Perceber como eram as reações das outras pessoas, me instigou a saber mais ainda em como elas viviam suas relações entre si, os ou-

tros e os lugares. Essa curiosidade me abriu para esbarrar com sujeitos com percepções muito diferentes sobre a onde pertenciam. Alguns tinham a plena certeza de serem figuras da cidade que sempre moraram e não cogitavam uma mudança brusca de região sem imaginar um tremendo sofrimento. Outras pessoas, haviam empacotado seus pertences tantas vezes que entenderam o desapego como lei fundamental para seguir uma vida mais leve. Aqueles que me falavam sobre ter partido de suas casas eram com quem eu encontrava a sensação de identidade.

Os deslocamentos do meu corpo e minhas malas, que somam milhares de quilômetros, foram bagunçando cada vez mais a noção de qual era o exato lugar que eu poderia dizer de onde eu era e de onde eu sou. Meu modo de falar esponjoso, isto é, de ser porosa e absorver os jeitos do lugar e das pessoas com quem eu converso, também me provoca.

Ao me perceber perdida em meio a tantos questionamentos, revisito quem cruzou meu caminho para poder me guiar nos labirintos. A estrada afetiva me acalma assim como a de asfalto.



“Perder-se significa que entre nós e o espaço não existe somente uma relação de domínio, de controle por parte do sujeito, mas também a possibilidade de o espaço nos dominar. São momentos da vida em que aprendemos a aprender do espaço que nos circunda [...] já não somos capazes de atribuir um valor, um significado à possibilidade de perder-nos. Modificar lugares, confrontar-se com mundos diversos, ser forçados a recriar continuamente os pontos de referência é regenerante em nível psíquico, mas hoje ninguém aconselha uma tal experiência. Nas culturas primitivas, pelo contrário, se alguém não se perdia, não se tornara grande. E esse percurso era brandido no deserto, na floresta; os lugares eram uma espécie de máquina através da qual se adquiriam outros estados de consciência.”

Franco La Cecla, 1988





AS ROSAS

Sou ponto, meio e fim de um trajeto ainda em continuação.

Nem sempre nessa ordem.

Nem sempre sozinha ao me tornar pontos.



40 cm de linho de cor natural;
40 cm de entreteia auto-adesiva;
40 cm de tecido para o forro; 1
alça com fecho para a bolsa; pa-
pel carbono amarelo; lápis; tesou-
ra; agulha para bordar; fios de li-
nho marrom; linha molinê preta e
cinza esverdeado; material para
costura.

PONTOS USADOS

Ponto cheio; ponto matizado;
ponto haste.

EXECUÇÃO

Passa o molde e corte duas
partes A e uma parte B, em cada
um dos tecidos — linho, entreteia
e forro (veja molde na separata).
Borde a parte da frente da bolsa
no linho, seguindo as indicações
de cor do risco (veja molde na
separata). Borde as rosas e as
folhas com ponto cheio e ponto

Costure juntas as bordas de
das partes A com as bordas
parte B, pelo avesso (veja
tração n.º 1). Faça o mesmo
a outra parte A. Monte as p
do forro, costurando à máq
como foi explicado anteriorm
para o linho. Costure o for
mão, no lado interno da bolsa,
pequenos pontos invisíveis. C
re bainhas nas extremidades
teriores da bolsa e introduza
as hastes da alça (veja ilustr
n.º 2).

3. ATRAVESSAR

Ir de um lado para o outro no trajeto da vida é estar disposto a perder-se no vazio do tempo. Ao passo que o mesmo mover-se só é viável por causa da relação. A travessia do afeto é a linha entre o Eu e o Outro.

No mapa que se cria a partir das existências relacionais, a fotografia é um dos meios possíveis que nos acolhe e nos pontua. É pelo que vemos que enxergamos a nós e aos outros. Dado isto, concordo com a afirmação de Judith Butler ao dizer que

“Nós somos, desde o início, tanto feitos como desfeitos pelo outro - e se recusamos isso, recusamos a paixão, a vida e a perda.” (BUTLER, J. 2014)

Por meio dessa reflexão que transponho os pontos do tempo em imagens fotográficas.

A caça ao tesouro de vidas viajantes desperta a curiosidade em entender como e porquê corpos desprenderam-se e precisaram se deslocar. Assim como compreender o sentir intrínseco da necessidade do meu corpo em não permanecer.

Enxergar-me como Ser transeunte talvez tenha sido o que me provoca a capturar os pedaços de instante temporal e agregar narrativas em que eu mesma conto um percurso.

Ato de colecionismo. Para além de conhecer o que veio antes, é um comportamento de querer guardar um pouco de tudo mesmo sabendo que os materiais e as memórias desvanecem com o tempo. Recolher talvez nos faça desaparecer mais devagar.

Ao refletir sobre a minha própria trajetória, recupero imagens-pontos de uma história. Como principal veículo de condução narrativa, a fotografia vernacular se relaciona com álbum, instruções de artesanaria e poesia.

A escolha de um livro de artesanato como suporte para o álbum fotográfico é um resgate da memória de um antigo hábito pessoal com a prática da manualidade, como um chamado-lembrança para aquilo que nossas mãos tocam e constroem. Combinadas, essas duas formas de passear com os dedos, se fortalecem ao afeto e carregam à quem manuseia a sensação de visitarem uma relíquia. No livro *Photographic Memory*, Verna Posever Curtis diz que

“When you hold a photo album, you sense that you are in possession of something unique, intimate, and meant to be saved for a long time.” (CURTIS, VP. 2011, p. 7) ¹

Abro a quem me lê as portas e as gavetas da minha casa interna. Convido a habitar por um instante o movimento das minhas memórias. Entrego as chaves, as senhas e os pedaços de mim.

¹ “Quando você segura um álbum de fotografias, você sente que está em posse de algo único, íntimo e destinado a ser salvo por um longo tempo.” (tradução livre)

Nada escapa à imaginação ~~de~~
~~primeira~~, quando se trata de trans-
formar coisas comuns em originais
e tornar tudo mais bonito. ~~Exemplo~~
~~disso são esses centímetros, nor-~~
~~malmente dois que, depois de pas-~~
~~sarem pelo bom gosto e habilidade~~
~~das melhores, ganham beleza~~
~~como se fosse também vai agra-~~
~~da, com toda a certeza.~~

Quando vamos viajar
geralmente levamos uma mala junto.
Nesse pequeno espaço, devemos
colocar todos os objetos que são
essenciais a partir daquilo que
temos em mãos. Consideramos o
lugar, o tempo de viagem, as
características do objeto "mala"
que temos disponível e se iremos ou
não voltar. Quem sai sem saber se
volta, escolhe diferente.

MEÇA
COM
GOSTO



Sempre tive o hábito de revisitar o que sabia sobre minha família e quais objetos nós guardávamos. Preservo áudios da minha avó cantando as suas canções favoritas da infância e vida adulta. Da minha mãe guardo nos ouvidos as histórias de seus avós. Carrego também comigo a camisa que foi do meu falecido avô e que hoje pertence ao meu pai, mas que ele esqueceu na sua última visita à minha casa. Recentemente encontrei a certidão do bisavô do meu avô em um site na internet.

Porco



um; de-
ancel co-

fa-
enfe-
jóias,
pratinho da "papinha" do bebê.

loque o
a e dei-
faz incolor
na, tomando
o cuidado de deixar a superfície
homogênea. Deixe secar.

Uma estante nunca é demais em casa: pode dividir o ambiente, ocupar um canto, antes inútil, ficar no quarto para guardar livros e até formar o "cantinho do som". Mas, uma estante é ainda melhor quando feita por você mesma, sem gastar muito dinheiro. Decorativa e fácil de fazer, ela fica bonita em qualquer cor. Mãos à obra!

ESTANTE DE TIJOLOS



M
10
que
outr
pole
largu
apar
sar
para
tinta
tético
bine
pino
cerd
fina.
E
O
ral.
tensi
(ve)
e pass
homogê

seguir que a superfície fique bem lixada, sem muito esforço, enrole a lixa num pedaço de madeira bem lisa. Se a superfície for muito áspera, você deve aplicar massa novamente e lixar por uma segunda vez. Passe lixa fina, para dar um melhor acabamento. Pinte agora com o látex ou a tinta esmalte. No caso de usar látex, passe lixa fina suavemente depois da primeira demão estar seca. Depois, dê mais duas demãos. Se usar esmalte sintético não será necessário lixar; duas demãos são suficientes, usando a tinta grossa.

(veja ilustração n.º 2). Para não ter problema de limpeza no local onde estiver a estante, coloque os dois primeiros tijolos deitados no chão, mantendo a tábua elevada (veja ilustração n.º 3). Caso você não encontre, na sua cidade, esse tipo de tijolo, use outro. Mas não se esqueça de observar que seja regular na sua forma e ofereça bom apoio em toda a sua superfície.

Caso queira simplificar o acabamento das tábuas, forre-as com papel adesivo ou qualquer outro, usando cola plástica (veja foto).

Os mistérios do mar podem ser revelados a você ~~novos trabalhos~~ ~~super originais. Objetos feitos com~~ ~~material que, das profundezas dos~~ ~~mares, vem trazer a terra. Aqui~~ ~~há um mundo de possibilidades~~ ~~para trabalhar com conchas,~~ ~~pedrinhas, corais, cascas, madei~~ ~~ras, sementes. Não importa que~~ ~~seja um pouco de ou de outro, o que~~ ~~é importante é que você possa~~ ~~compor os seus lin~~ ~~dos objetos.~~

MATERIAL

Conchas, caracóis, crustáceos, corais; cola plástica.

EXECUÇÃO

Dispo a alguns escolhidos sobre u plana, formando figu NHOS (veja foto 1 - cachorrinho, o sapo versas partes, uma massa epóxica. Ama amolecê-la, para qu tos químicos entre em contato. Quando aplique a massa, col desejadas e pression massa endureça. N mais que cinco minu cola sobre a superf possível colar folh prateadas que realo fando um bonito e ROMEU E JULIE um exemplo da cor das pedras, madeir ços de caracóis. O 3) foi feito com este mentos um cara que forn corpo o são de movimento foto 4 — O ANJ aproveita um caracol ra dar a impressã ao vento e suas asas

Todas estas figuras são mente projetivas, isto é, quando você as olha tem a impressão de ver formas diferentes da real, o que enriquece seu valor artístico.

No entanto, você pode ainda trabalhar esses mesmos elementos em sentido bidimensional, fazendo um quadro como o de DOM QUIXOTE (foto 5), que foi montado



Tenho em minha genética a história de quem precisou partir e de quem se propôs a chegar.



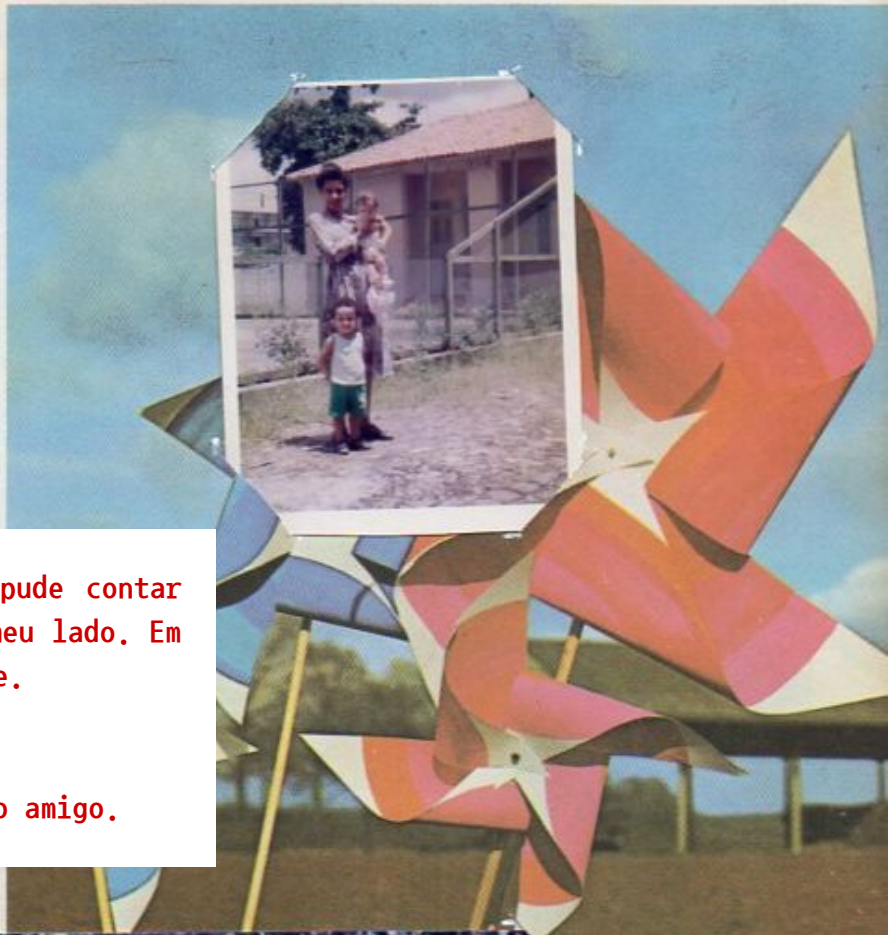
Sou mais um ponto no coletivo das trajetórias ancestrais vagantes.



Com o vento a favor, as crianças vão adorar correr. ~~com estes~~
~~catapultas nas mãos. Você pode~~
~~até pedir a ajuda delas para fazer~~
~~elas. A brincadeira vai continuar:~~
 mude as cores, misture tons (a cor

MATERIAL

Papel canson; tesoura; alfinete de cabeça; perfurador de papéis; vareta roliça (no tamanho que quiser); tinta guache ou aquarela, em várias cores.



Quando cheguei ao mundo, pude contar com meu pequeno velho-sábio ao meu lado. Em todo momento, ele esteve presente.

Gosto de ter um irmão.
 Chamo de sorte ter ele como amigo.

(veja ilustração n.º 1). Una, ao centro, as pontas perfuradas (veja ilustração n.º 2).
 vento, cor de cabe
 liça. No
 você pod
 de prese
 faces de
 fite gross
 bonito.



A minha primeira
viagem fora da barriga
foi aos 7 meses, em
João Pessoa.

Intininhos e peixinhos vão con-
viver com você, ~~como se fossem~~
~~os mesmos~~ porque
eles estão ~~na mesma~~, dispostos
a ~~se manterem~~
A ~~mesma~~ voar com a corrente
de ar, ~~como se fosse a coisa~~
como se isso fosse a coisa
mais natural do mundo.

MATERIAL — PEIXINHOS

Acetato amarelo e verde trans-
parentes e verde opaco (à venda
em casas de artigos para desenho);
cola rápida de 2 misturas; arame
fino de aço; alicate; fio de
"nylon"; papel carbono; lápis; tes-
soura.

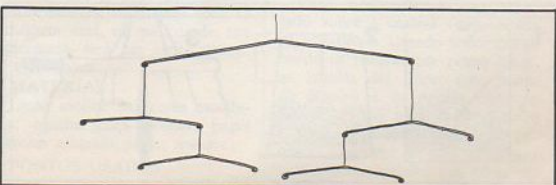
I
par
vez
ren
opa
os
cira
Pre
seq
cad
tral
ced
tar
sua
a
pe
me
de
ça
peix
equil

MATERIAL

Acetato amarelo e vermelho
opaco; cola rápida de 2 misturas;
aramé fino de aço; alicate; fio de
"nylon"; papel carbono; lápis; tes-
soura.

EXECUÇÃO

duas
veja
cole
cada
olde,
artes
côn-
recu-
cada
olhi-
ar o
lica-



pintinhos
e peixinhos

oile



Fui barco no colo
daqueles que em todos
os tempos são meu
oceano.



UM RAMALHETE NA S



Desde pequena, sou fascinada por borboletas. Meus pais, em qualquer oportunidade, contam que eu-criança saía correndo atrás. Aprendi a correr o corpo e os olhos com elas. Criei o hábito de enxergar linhas invisíveis vendo as cores misturadas com o desenho que o voo fazia.

Eu ainda sigo as borboletas que cruzam meu caminho.

Dos nossos tempos de criança, a gente tinha vários poderes:
observar a rua no balanço
ver o sol no portão
sentar no muro baixo



Com o passar do tempo
os muros subiram
as pessoas se esconderam
o sol não cruzava mais a vista pra dentro da casa



É triste que o medo foi ficando maior
do que a graça de ver os pássaros a voar no céu

50 cm de plástico cintilante
amarelo (tipo de
de tule de 40
to, de salpi
do conto
para cos
1,75 m
cor do tule
relo de 8

EXEC

Corte

metro —

tule. Cos

do o círculo

no conto

juntos os

tico) a 4
2. capture

2 costura
elástica

mate. De

com. 1173

turas par

de um la

1

TOUCH

MATERIA

50 cm de plástico opaco (tipo de cortina); 50 cm de plástico transparente (tipo de cortina elástica na medida do comprimento da cabeça; material para costura

Na terra onde o sol queima, conheci a liberdade do corpo e da criação. Experimentar era brincadeira de todo dia.

Cresci livre em casa.
Segui livre indo pra rua.

mm de diâmetro
primento; cola p

EXECUÇÃO

Para fazer um bolo de milho com vagens é enervado de cada uma. De cada 2 pedaços iguais — na forma que preferir — para fazer o miolo da flor. Cole as 8 partes das vagens na frente de um

Cartões. Verifique se a varredura é feita de forma correta e se a pressão entre eles é centralizada (veja ilustração n.º 3). Coloque um peso sobre o trabalho até que esteja bem seco.

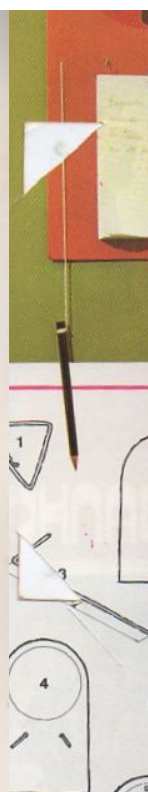
laranja (veja molde na separata). Recorte-os, deixando neste último 2 cm a mais em toda a volta. Forne o molde do círculo do mostrador do relógio sobre o papel espelho vermelho (veja molde na separata). Em seguida, tire o molde. Cole 2 ponteiros: primeiro em papel branco e depois em papel espelho preto (veja molde na separata). Recorte e cole os ponteiros de papel espelho preto sobre os ponteiros de papel

o papel espelho lisa
anelão; vires e cole a
leixada, do papel
so do papelão.
anelho sobre o relógio
mostrador (veja foto
e recorte um núm
mostrador (veja
elho preto e (veja
ta). Cole-o nos
guando-se pelo m
na separata).
ciros, perfure as
mais largas dos
entro do mostr
nta da tesoura
molde na separ
a através do fur
or, depois do fur
através do pape
simultaneamente)
no verso do relóg
te horizontal sob
a em trachejo
arata). Faça 3
orte horizontal
arata). Passe o
o 1.º furo da es
nó, prendendo-
ógio. Amarre o
nta do relógio
sso, frange a ra
e superior do
cate, corte um pe
outro de 5 cm de
Dobre o arame
stração n.º 1).
so do relógio (ce
parte superior), us
mostrador (veja
na separata).
a no viva

Papelão grosso; papel espelho laranja, vermelho e preto; papel carbono; lápis; 25 cm de fio elástico; arame de cobre; bloco de papel pequeno; cola plástica; faquinha de lâmina graduável; tesoura; alicate de ponta fina; fita adesiva; 1 tacha de 2 hastes.

EXECUÇÃO

ita adesiva (veja ilustração n.º 3). Dobre 4 cm de cada lado do me maior (veja ilustração n.º 4). Passe as pontas dobradas através dos furos feitos acima do horizontal do relógio (veja ilustração n.º 4). Usando a pontalicate, modele os apoios para o lápis (veja ilustração n.º 5). As 4 últimas folhas do bloquadepapel através do corte





Sempre me disseram que eu estava feliz e animada para o primeiro dia de aula. Às vezes penso que fui sabendo que logo aprenderia o curto caminho da escola pra minha casa, a espera de um dia poder ir sozinha. Meus passos pequenos iniciaram um longo trajeto da vida de ir e vir com hora marcada.

...dar nós. Isso mesmo! Dar nós... pode exigir habilidade, sensibilidade e imaginação... Depois, você cria motivos e compõe formas.

meio. Essa combinação de ponto deverá ser feita em etapas, da seguinte maneira: em 1.º lugar, faça as 2 pernas superiores do "X" em nó festonê oblíquo; em seguida faça a carreira em nó festonê horizontal. Por último, as 2 pernas inferiores de "X" em nó festonê oblíquo. 1.º Quadrado em amarelo ouro: faça um losango em nó

za: fazer um "V" em nó festonê oblíquo, cujo vértice atinja a metade do quadrado. Separe 8 fios de sisal na parte central do mesmo e execute 4 nós chatos, que tocarão o vértice. Faça uma carreira de nó festonê horizontal, que dividirá o quadrado ao meio. Daí para baixo, usando 2 fios para cada carreira, faça somente vários

ESTANDARTE N.º 1 e 2)

MATERIAL

Para um estandarte de altura x 80 cm de rolos de sisal amarelo e los de sisal na cor m rolos de sisal em cinza de madeira de 80 cm mento; tesoura; agulha

PONTOS EMPREG

Ponto de montagem barra de madeira (veja n.º 1); nó festonê horizontal (veja ilustração n.º 2); oblíquo (veja ilustração simples (veja ilustração chato (veja ilustração

EXECUÇÃO

Divida o sisal cinza, ouro e o mostarda em 20 pedaços, de 1 metro cada o cinza, em 20 pedaços, de 1 metro cada barra de madeira (veja n.º 1). Faça o mesmo com amarelo ouro e mais uma vez



Quadrado central simples. Quadrado central ouro: faça um losango em nó oblíquo, aproveitando os fios laterais, para a execução dos nós chatos. Repita o mesmo procedimento para a execução do quadrado cinza, para a finalização. Faça as 2 carreiras de nó festonê horizontal, que dividirão a seção, e servem de guia para a fixação do avesso, para a fixação da seção do trabalho. Seção: monte 20 pedaços de sisal mostarda, fixados como explicado anteriormente. Os pedaços de sisal cinza serão montados pelo mesmo método anterior. 20 pedaços duplos de sisal, presos no trabalho, ficam nas seções anteriores. Quadrado mostarda: faça uma carreira lateral, de 4 nós chatos (veja ilustração), bem espaçados entre si. A seguir será um "X" em nó festonê oblíquo, usando a técnica de execução da 1.ª seção. Faça outra carreira lateral direita, como foi feita na lateral esquerda. Quadrado cinza: as 2 carreiras laterais, de 4 nós chatos, serão trabalhadas em 2 carreiras em nó festonê oblíquo em ziguezague. O ponto central do quadrado será 4 "X" em nó festonê oblíquo. Repita o mesmo motivo para a execução do 2.º quadrado em sisal mostarda, como explicado para o 1.º quadrado

Aprendi desde cedo que a estrada é uma rota entre chegadas e partidas. A paisagem apressada da janela me educou a desapegar: uma constante despedida de uma imagem anterior.

Estar em trânsito é uma das formas de limpar as minhas angústias.





Das minhas primeiras lembranças de viagem
o Mar e o Sertão.
Litoral do Piauí e Interior do oeste da Bahia.
Deslocamento de pai e Realocação de mãe.





Aos domingos, o almoço era resultado da frequente viagem interestadual.

Piauí e Maranhão: separados por um rio.

A necessidade criou uma ponte e eu pude vê-la construir de perto.



MOLDURA DE ESPELHO

Elas são pedacinhos de espelho
que não ficam em volta, como moldura,
do espelho que você coloca na parede
ou no chão. O efeito final é
tanto original e delicado, refletindo
também a preferência pelo que
é bonito.

MATERIAL

tan
gra
láp

Continuo construindo em mim, vínculos
para conectar as minhas urgências e diminuir a
saude.

milas de uma cor de rosa, com a
da mistura de amarelo branco com
as das camisas da moldura (veja
foto). Contornar as com cola azul

Eu conheci a tristeza da morte de alguém quando criança, mas ela não era a minha. Sempre conto que não entristeci com a ida final daquele que eu visitava todo domingo.



Receba ~~as visitas com uma enorme~~ flor aberta, ~~servindo-lhes algo~~ neste prato decorado. ~~Contrastando~~ com a cor de fundo, esta flor ~~vai chamar a atenção para o seu~~ ~~bonito~~ gosto. Receber bem é uma arte: ~~complemente-a com originalidade.~~

MATERIAL

Prato de madeira; pincel; graxa de sapato marrom; tinta acrílica preta, azul, branca e vermelha ou laca a piroxilina, nas mesmas cores

Na noite que meu avô faleceu, recebi sua visita em um sonho me dizendo que estava bem e feliz. Meu pai também sonhou com ele e me contou depois que sua nova casa é aquela estrela sobrando dentro do Cruzeiro do Sul. Foi mais fácil de entender que ele não estaria mais na sua cadeira de balanço.

Apesar disso, eu ainda sinto saudades e queria que fosse possível perguntar muitas coisas que os vivos e os documentos não sabem responder.

nte
a da
erm
ess
is d
o d
os c
ra d
no d
o p
asad
nada
liqu
, de
sec

~~Com um quadro lotado de coisas, você entra no mundo mágico das formas abstratas. Transparentes aplicadas contra o vidro de uma janela, formarão uma espécie de vitral durante o dia e, à noite, serão verdadeiros quadros de arte. Aproveite a técnica que ensinamos e depois deixe livre sua criatividade.~~

MATERIAL

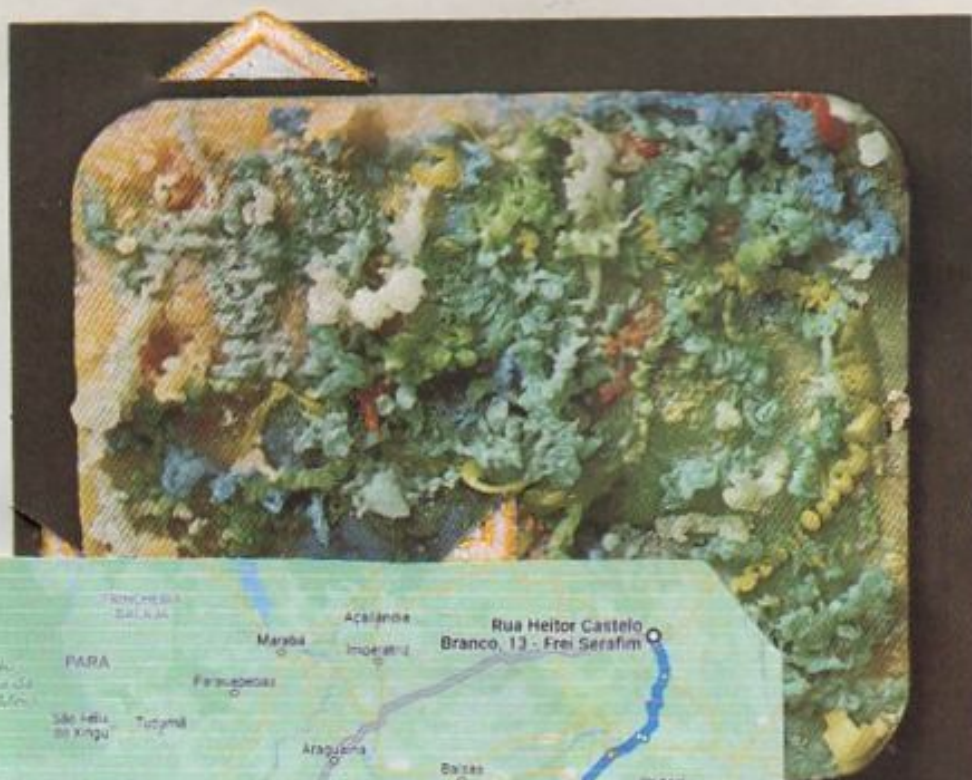
Lápis de cera de várias cores; velas de parafina; vários recipientes; assadeira, no tamanho que deseje para o quadro; painel para apoiar o quadro.

EXECUÇÃO

Antes de uma observação refinada sobre o perigoso. Fazer a execução dos desenhos e cores com lápis de cera no recipiente. Imediatamente, antes de começar a raspar de novo, retire o lápis de 1 minuto. Depois de a água derretida, dando a ilustração na água e pelo impacto, começarão a aparecer minutos antes. Use a refinada de novo quadro e a clara, que esta parafina sobre a qual as anteriores refinadas nas bordas para dar mais ao conjunto. detalhes do relevo na muito quente nesta última camada. Com uma faca, descole as beiradas que presas na parede da ilustração e a água, incline a assadeira. O quadro pronto.

COMBINAÇÃO

Todas as cores a partir de três



4 pessoas
2 cachorras
1 carro vermelho
Porta-mala lotado com roupas, ração e anseios.

Ficou por lá, um limoeiro, um cajueiro, um coqueiro e mais um tanto de saudade.

verdeado, o verde médio e o verde escuro se obtém um pouco de vermelho. Para obter tons um pouco de cor-de-rosa e o resultado primárias suaves. As primárias mescladas irrompem.

As memórias se perdem nas
fotografias desaparecidas

latas de metal de beleza
 bom gosto aos mínimos
 Elas podem ser decora-
 motivos diferentes, em co-
 stantes, tendo como ma-
 principal os fios de lã. As-
 itas, podem ser colocadas
 quer lugar da casa: sempre
 bem.

ERIAL (foto 1)

retangular de metal; lã
 es: azul, amarela, preta,
 melha e branca — a plás-
 a látex verde; 1 acil; bor-
 papel carbono; tesoura;

CUÇÃO

a tinta num pouco de
 lata, dando duas de-
 das de secagem. Par-
 bordas da lata, mar-
 com lápis, passe col-
 açado — usando o t-
 embalagem — e apli-
 (foto). Deixe secar.
 no das figuras centra-
 ja molde na separa-
 cola, como foi expli-
 bordas: primeiro no
 figura e no círculo
 8 pedacinhos de lã
 do raio do círculo
 fixe-os no lugar com
 (o). Aplique cola na
 do contorno dos o-
 e comece a colar o fi-
 e fora para dentro —
 toda a superfície dos c-
 os demais detalhes, de-
 os de lã nas cores de-
 je-os sobre o fundo.

ERIAL (foto 2)

a cilíndrica; cola plás-
 ex vermelha; 1 pincel;
 es: azulão, rosa laranja,
 sso.

CUÇÃO

a lata, como foi explicado
 modelo da foto 1. Trace as
 ências das bordas da lata,
 que a tinta estiver seca.
 cola — como foi explicado
 modelo da foto 1 — e fixe
 caracol, formando círculos
 alternadas — 1 azul, 1
 laranja (veja foto).



FEITANDO

TAS

2

Guardo comigo a
 sabedoria de sempre
 entrar na água mesmo
 quando tá frio, de
 marcas de limão na
 barriga e o som das
 risadas ao estar junto.



1

MATERIAL (foto 1)

1 colher de pau; abridores
 garrafas e de latas; 5 ganchos
 quenos com rosca; tinta esma-
 lte sintética nas cores laranja, bran-
 e azulão; 1 trincha pequena; 1 p-
 cel fino; aguarrás; lixa fina.

EXECUÇÃO

Pinte a colher de pau e os al-
 doros com 2 demãos de tinta
 ranja, intercaladas de secagem.
 colher de pau deve ser lixada
 tes de ser pintada. Decore as
 ças a seu gosto (veja os moldes
 riscos que oferecemos na sepa-
 ta), usando o pincel fino, nas
 tas a. e branca (veja foto).
 Espere secar bem. Rosqueie
 ganchos na parte superior do ca-
 da colher e 3 na parte inferior (v-
 afeito a colher com f-

~~Colher de pau, de madeira, de~~
~~de madeira, de madeira, de~~
 ambiente de alegria e sorrisos. Sor-
 risos, sim! Porque ninguém ficará

indiferente à "reforma" que
~~passar a ser uma coisa diferente~~
~~voce ainda leva a fama de dona~~
 de casa original e de bom gosto.



(foto 2)

para mesa; 1 pá-
 15x30 cm de pl-
 para costura; 30
 branca; flores arti-
 ta esmalte sinté-
 a, branca e azul-
 trincha pequena;

E apesar da
 saudade que sinto de
 quem partiu e eu não
 abraçarei mais, sei que
 Elas estão comigo.

Não sou só.

NA
 COZINHA-
 COR



ERIAL (foto 3)

1 concha de alumínio; 1 ca-
 de fósforos; cartolina; fitas e
 res artificiais; tinta esmalte sinté-
 nas cores laranja, azul e bran-
 aguarrás; 1 trincha pequena; 1 p-
 cel fino; cola plástica.

EXECUÇÃO

A concha deve ser decorada
 mo foi explicado para o modelo
 foto 1. Para a caixa de fósfor-
 recorte na cartolina o tamanho
 uma das faces da caixa (ou as
 Em seguida, cole-a e depois pi-

PARA



a beleza da ar
na está valorizad
de madeira r
a ainda seu aspec
Aqui a simplic
sofisticado com
que uma arte i
, pede complen
s de detalhes ar
cores e desenh
ntem a beleza d

TERIAL

eira rústica, cor
e cada lado do
oldurado; luvas
as ou cola de

ÇÃO

nadeira sobre
para escurec
ordas, depoi
com luvas o
er, dessa for
Deixe esfriar
m 4 tachas
ldura ou col
eja foto).
erigo de err
o lápis, o c
lugar onde
is, passe col
eira e no ver
vez seca a c
ga as instruç
dalagem para

É curioso se abrir tanto a
pessoas que pouco ou nada nos
conhecem. Precisa-se de coragem para
ser vulnerável.

teites de ramã

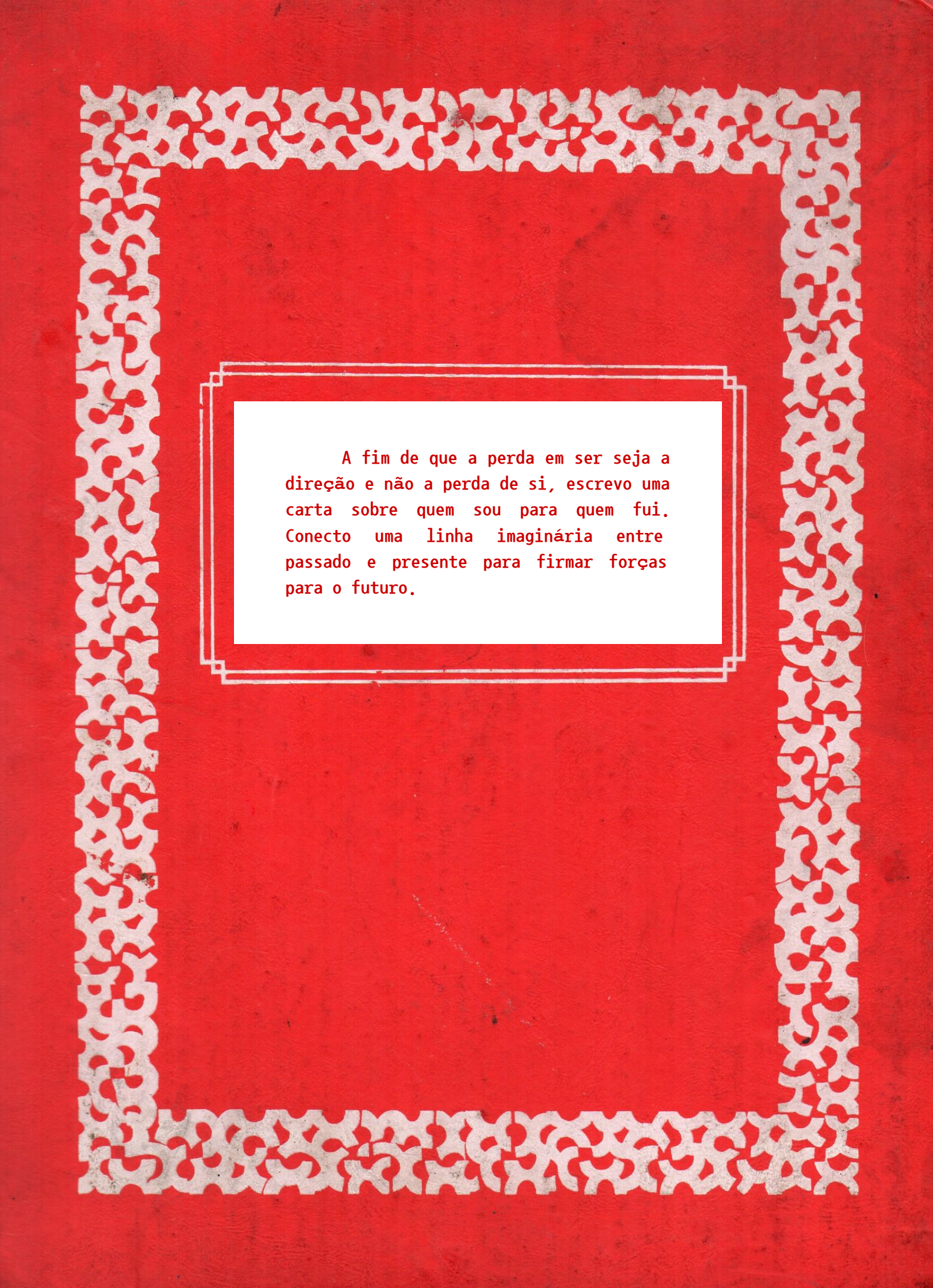


No princípio
é o nó. Depois, tudo fica com você.

lanço-me em voo
como borboleta

me perco em liberdade
como linha que começa sem saber como acaba

Em tudo,
fico em mim

The image shows the front cover of a book. The cover is a deep red color. A wide, white border with a repeating geometric pattern of interlocking circles and squares frames the entire cover. In the center of the cover, there is a white rectangular area enclosed by a thin white double-line border. Inside this white area, there is a paragraph of text in a black, sans-serif font.

A fim de que a perda em ser seja a
direção e não a perda de si, escrevo uma
carta sobre quem sou para quem fui.
Conecto uma linha imaginária entre
passado e presente para firmar forças
para o futuro.

Amada Bi, quero te contar uma história.

Pensei em te escrever pra contar algumas coisas, mas juro que vão ter várias surpresas pra você descobrir. E sim, sua mãe (ou melhor, a nossa), ainda te chama desse jeitinho: Bi.

Hoje, nesse dia que te escrevo, nós temos 27 anos. Não moramos mais em Teresina e isso talvez seja algo que você até então nem imagina (o mundo é lindo, colorido e imenso assim como você fantasia). A cidade que estamos agora é tão grande, tem tantos prédios e tanta gente... E escuta, você ainda vai conhecer muitos outros lugares (e morar também). Essa vai ser uma das aventuras que mais vai te nutrir.

Chego aqui pra estar contigo durante esse instante em carta porque eu quero te falar sobre coragem. Você terá sempre na sua vida pessoas que te inspiram a ser como já é: corajosa. Ainda assim terá momentos em que será necessário respirar fundo e dizer que é importante seguir com o que acredita e com o que você é.

Mas, bom, vamos começar do começo de onde essa história toda de falar contigo surgiu.

Em 2022 nós estudamos Artes Visuais numa universidade pública, lá naquela cidade grande que eu comentei. Foi um tanto quanto trabalhoso finalmente decidir o que iríamos estudar para seguir numa área profissional. Nós fizemos tantos outros cursos em universidades, escolas e tudo que estava ali disponível. Cada pedacinho, agregou a quem somos hoje e você vai adorar viver contando histórias sobre as suas passagens na vida, sobre seus amores, suas decepções, suas recuperações...

O que me inspirou a narrar sobre a nossa coragem foi estar numa das aulas e ouvir tantos relatos sobre como foi necessário ter o impulso de fé e dizer a quem quer que precisasse ouvir: vou estudar Artes. Muitos colegas da sua turma precisaram passar por esse mesmo processo que nós: assumir quem somos. Doeu para eles também e às vezes ainda dói. Crescer continua com essa coisa de se machucar e precisar continuar andando mesmo com o sangue escorrendo. A cicatriz chega, não se assuste. Ela só tem um tempo particular pra cada dor e tá tudo bem, continuamos vivas ainda assim.

Quando nós fomos contar a nossa história para esses mesmos colegas, escolhi várias imagens importantes da nossa trajetória. Comecei por umas fotos antigas dos nossos avós, da nossa mãe, do nosso pai, do nosso irmão. Tem até daquele tempo que nós éramos só um sonho bonito e sorridente da nossa mãe. Aí fui juntando cada registro de travessia e descoberta. Foi bom te rever pequena, feliz e sorridente. A vida é mais gostosa quando eu estou assim igual a você.

A verdade é que tem uma coisa muito bela em ser o que se é. Eu estou cada dia mais viva e livre para assumir e ir gritar a todos os cantos em que os ventos e as águas chegarem: eu amo quem me tornei e quem estou me construindo. Você hoje ama isso: ser artista. Criar faz parte da nossa existência diária. Estamos no teatro, no desenho, na fotografia, no vídeo, na poesia, na música, no canto, na dança e muitos outros lugares que nós ainda vamos descobrir. Juntas. Fora todos os amores que conseguimos semear por aí, deixando mais um pedacinho do encanto que podemos apresentar sobre o viver.

Certa vez, uma pessoa muito querida da nossa mãe disse que ela é uma fênix: essa entidade que renasce das cinzas curada e mais forte. Eu realmente acredito que a gente também tem uma fênix dentro de nós.

Eu espero que esse pequeno fragmento do futuro possa te dar força pra cada vez que você precisar se reerguer.

te amo e até logo.

Com o meu mais sincero amor e cuidado,
Seu Eu que somos Nós.

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

Mário de Sá-Carneiro

PORE POR QUE
DECIDIU
FICAR ?

4. PERCORRER

Para falar de percurso é preciso falar do que o cria: ponto e trajetória.

Pontos são instantes possíveis de serem marcados, registros de um tempo e/ou de um espaço. A partir do momento em que são vistos e interligados, tornam-se linhas.

Para algo ser chamado **trajeto**, é necessário que exista um ponto de partida e, em seguida, percorra-se um caminho. Essa trajetória iniciada é continuada por novos pontos que vão nascendo ao decorrer de um objetivo, fixo ou mutável.

Os olhos quando se conectam às linhas, buscam uma direção: esquerda para direita, cima para baixo, direita para esquerda para cima, entre outras inúmeras possibilidades tortuosas de se ir. O que define qual o sentido seguir começa a partir do que se busca, de saber qual o intuito de se fazer mudar de lugar, sejam os olhos num papel ou o corpo no espaço. Para não se perder quando se quer saber onde se vai, criam-se mapas.

Por esta razão, para formar um mapa, há que se ter um porquê de reconhecer determinado espaço. Mariano Pallotini traz que

“mais que decifrar os objetos, o mapa representa a dinâmica de um sistema complexo em que as linhas dos percursos no vazio entrelaçam-se para distribuir os diversos elementos cheios do território.” (PALLOTINI, M. 1985)

Como um sistema de conexões, o mapa é essencial a quem escolhe vagar - ainda que quem vague, entregue-se mais a possibilidade do acaso do que a chegada de um determinado objetivo.

Um labirinto, no que lhe concerne, se constrói através de um talvez. Trajetos com a intenção de desorientar são formulados para que a dúvida de qual lado escolher partir seja a regra mais importan-

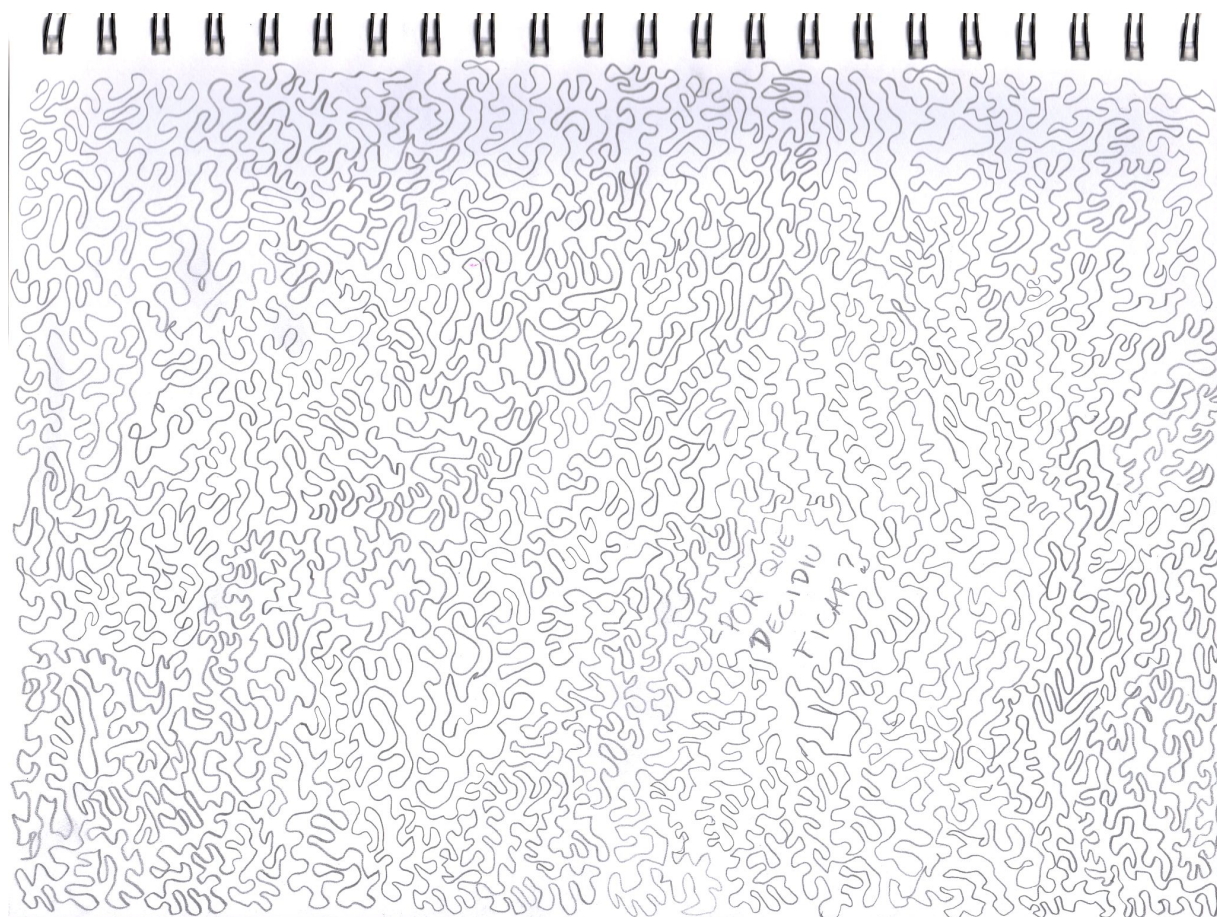
te. Não há nada que impeça voltar após iniciar a travessia, mas é certo que aceitar percorrer dentro de um labirinto traz consigo a aceitação da perda.

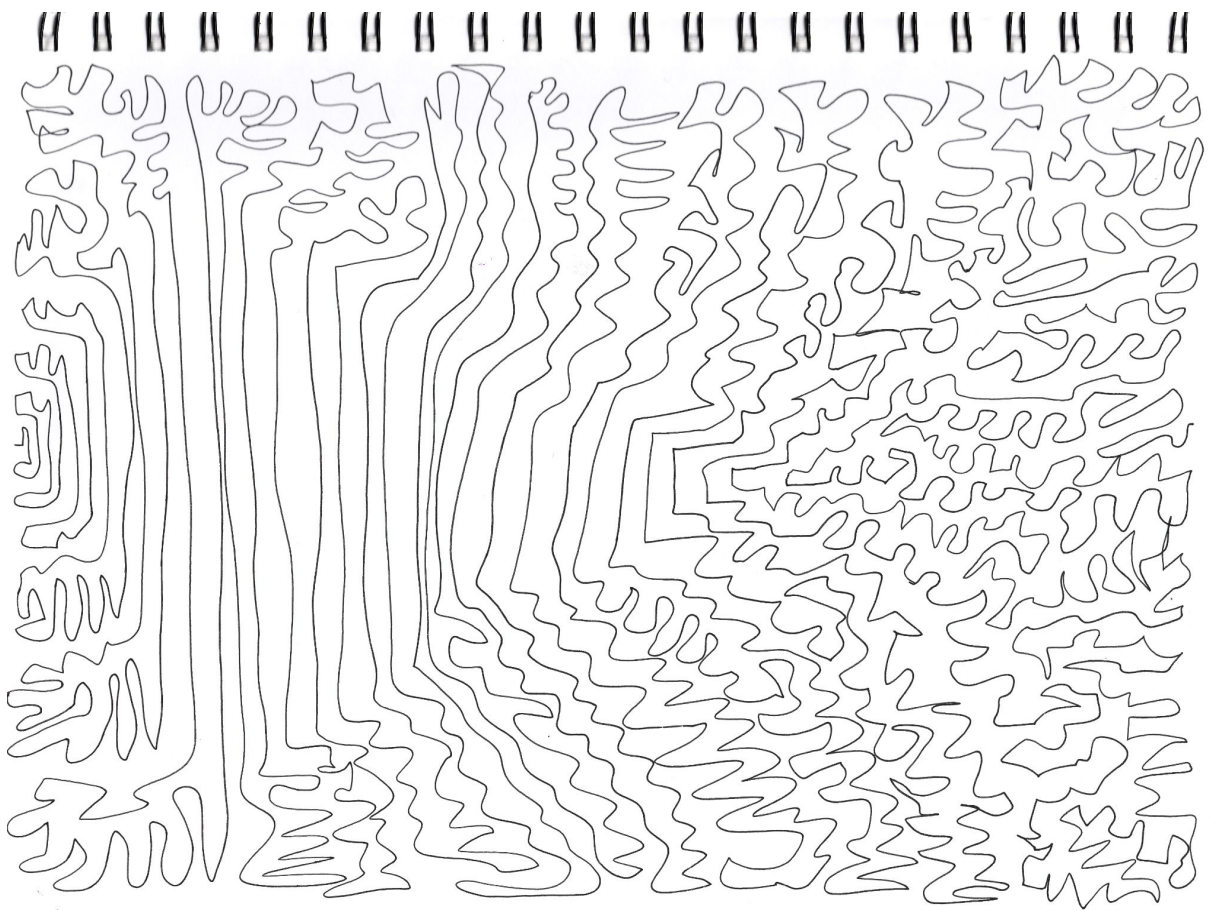
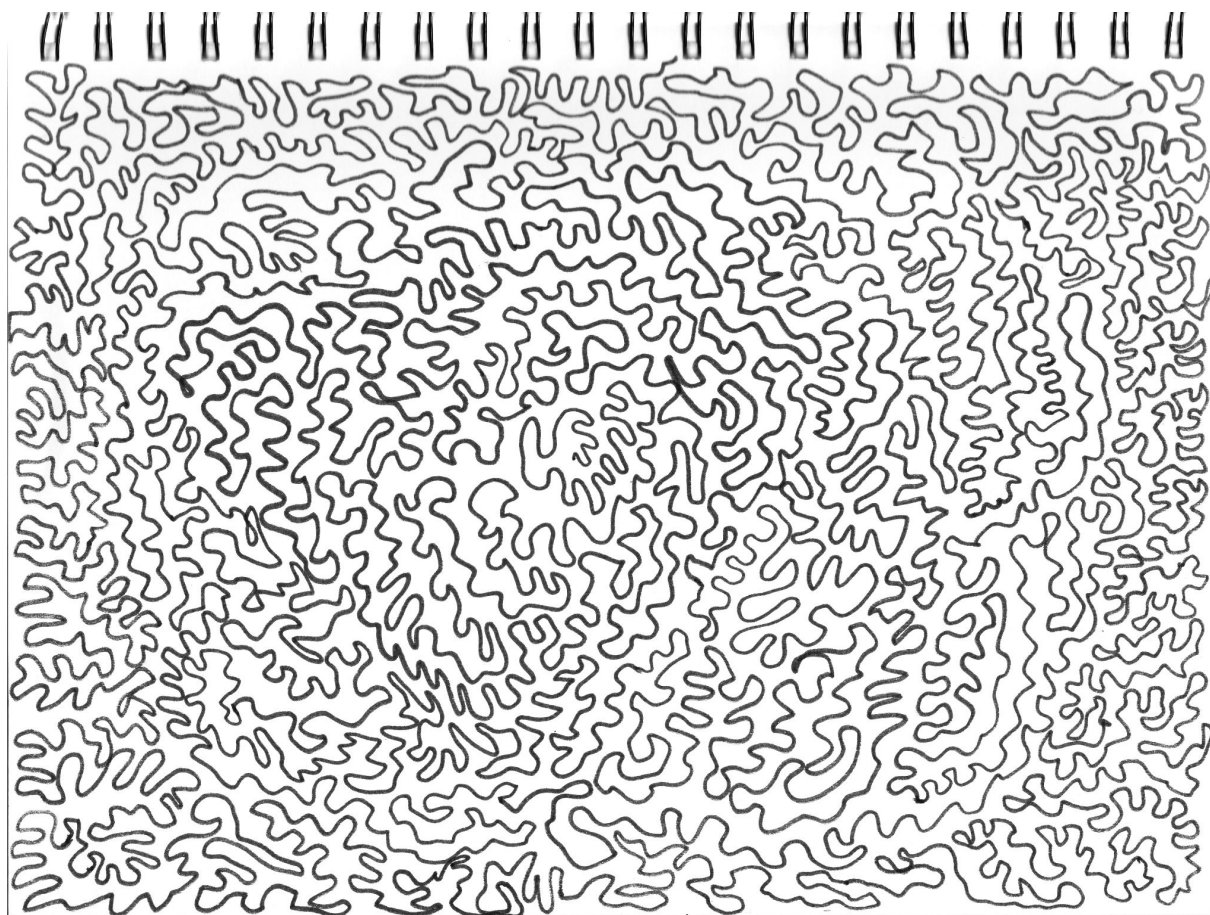
O acaso permite o perder-se, e isto, permite a conquista de abdicar-se do controle, de deixar ir. É pela casualidade que se descobre o inesperado e altera-se a rota.

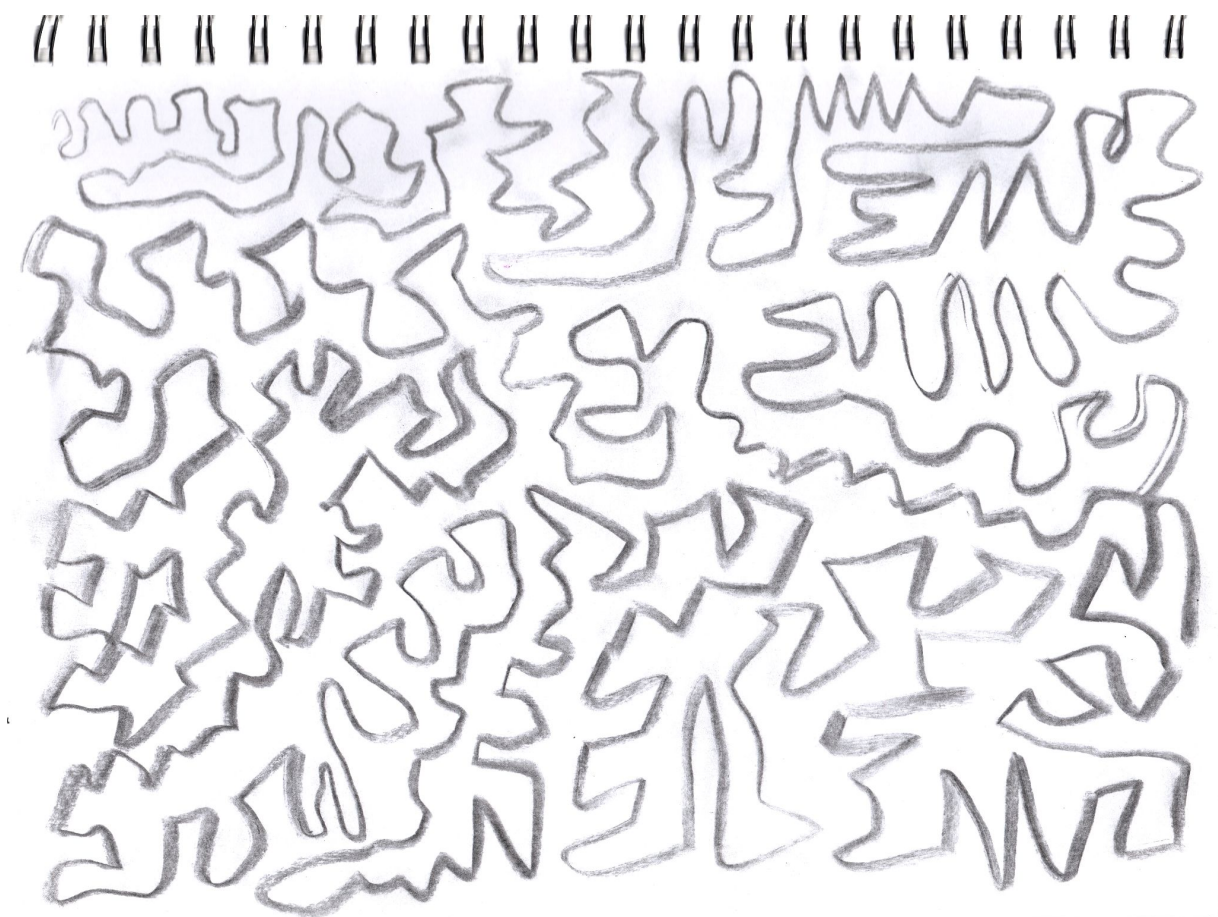
Por meio de linhas grafadas, desenho espécies de rotas que partem de um ponto e seguem a fim de encontrarem-se em si mesmas suas direções. Cada linha continuada só é possível de acontecer pela escolha de perder-se no vazio do espaço. Ao firmarem-se finitas, tornam-se mapas-labirintos.

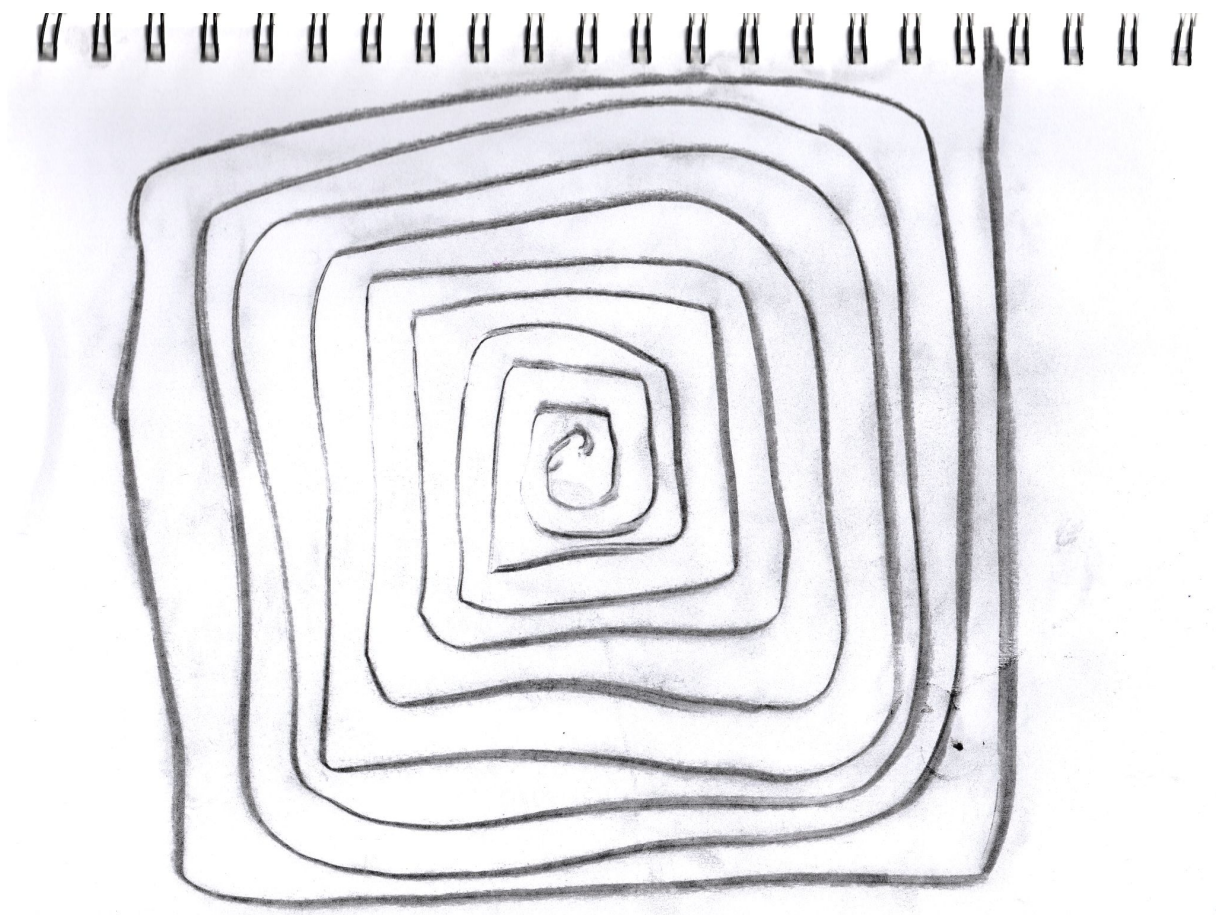
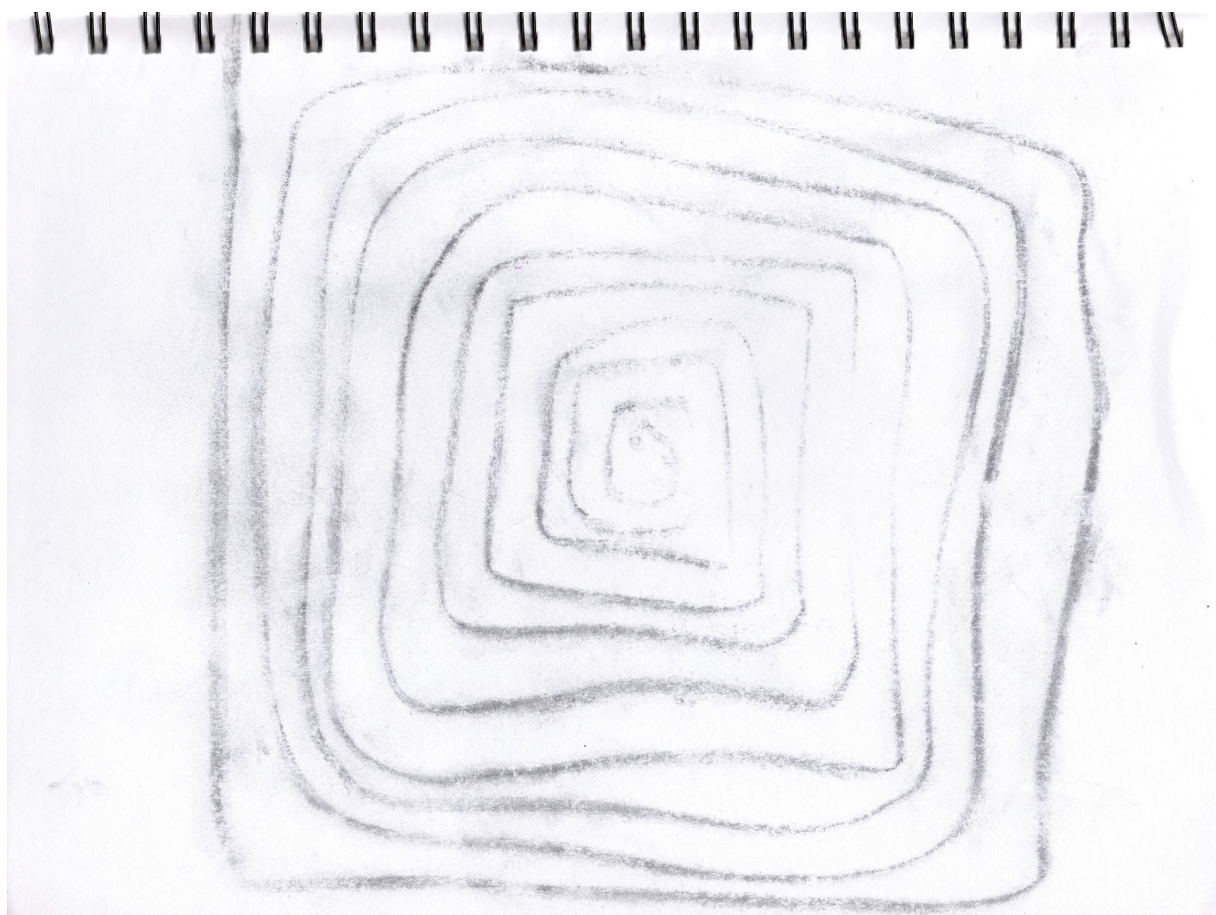
mapas-labirintos:

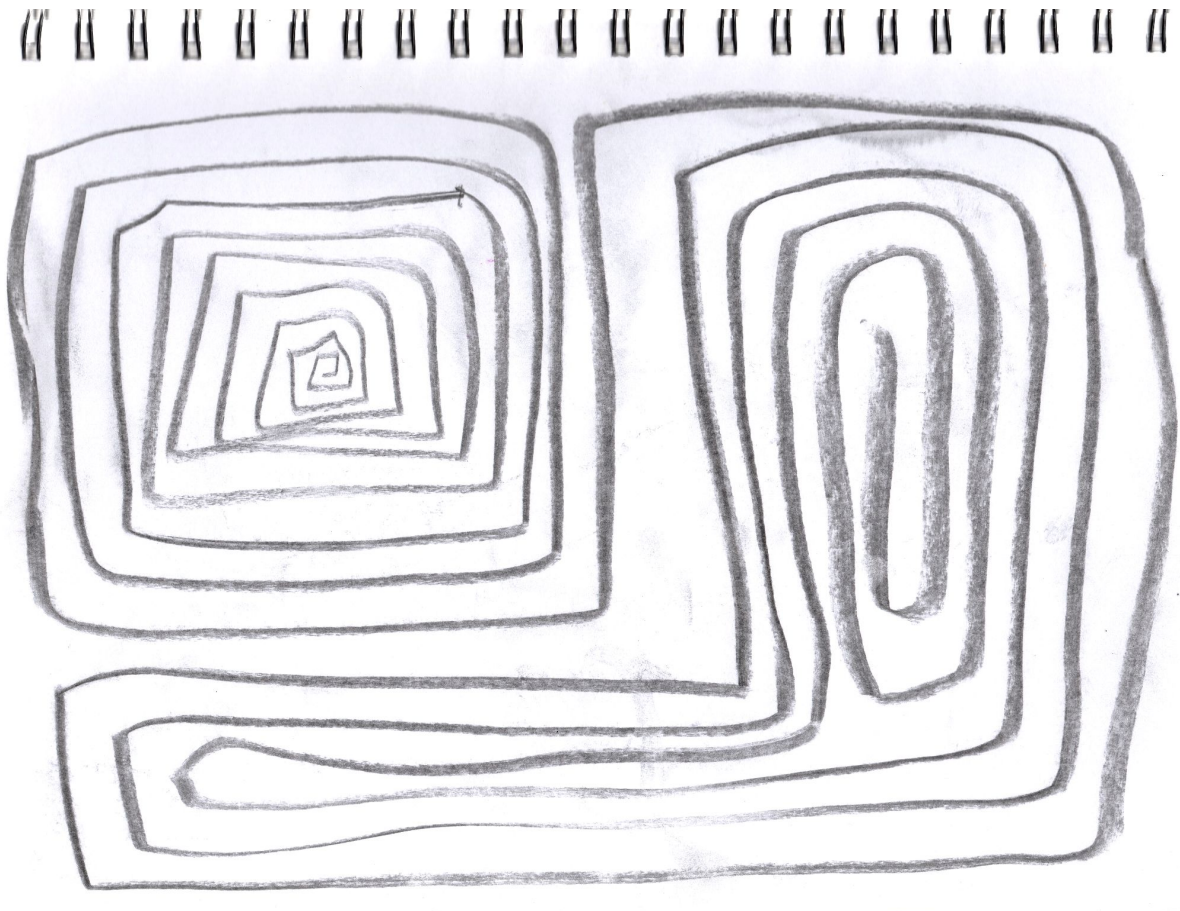
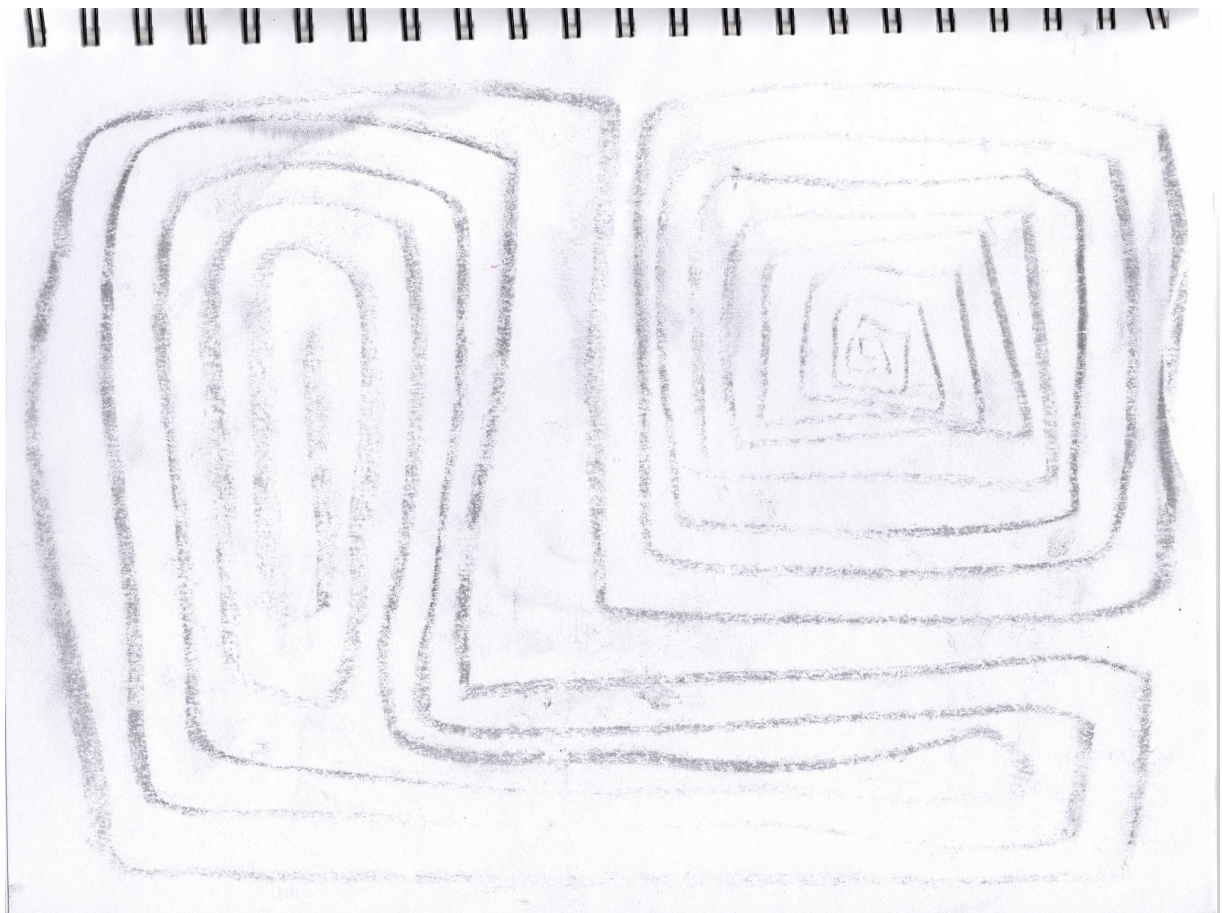
quando me sinto

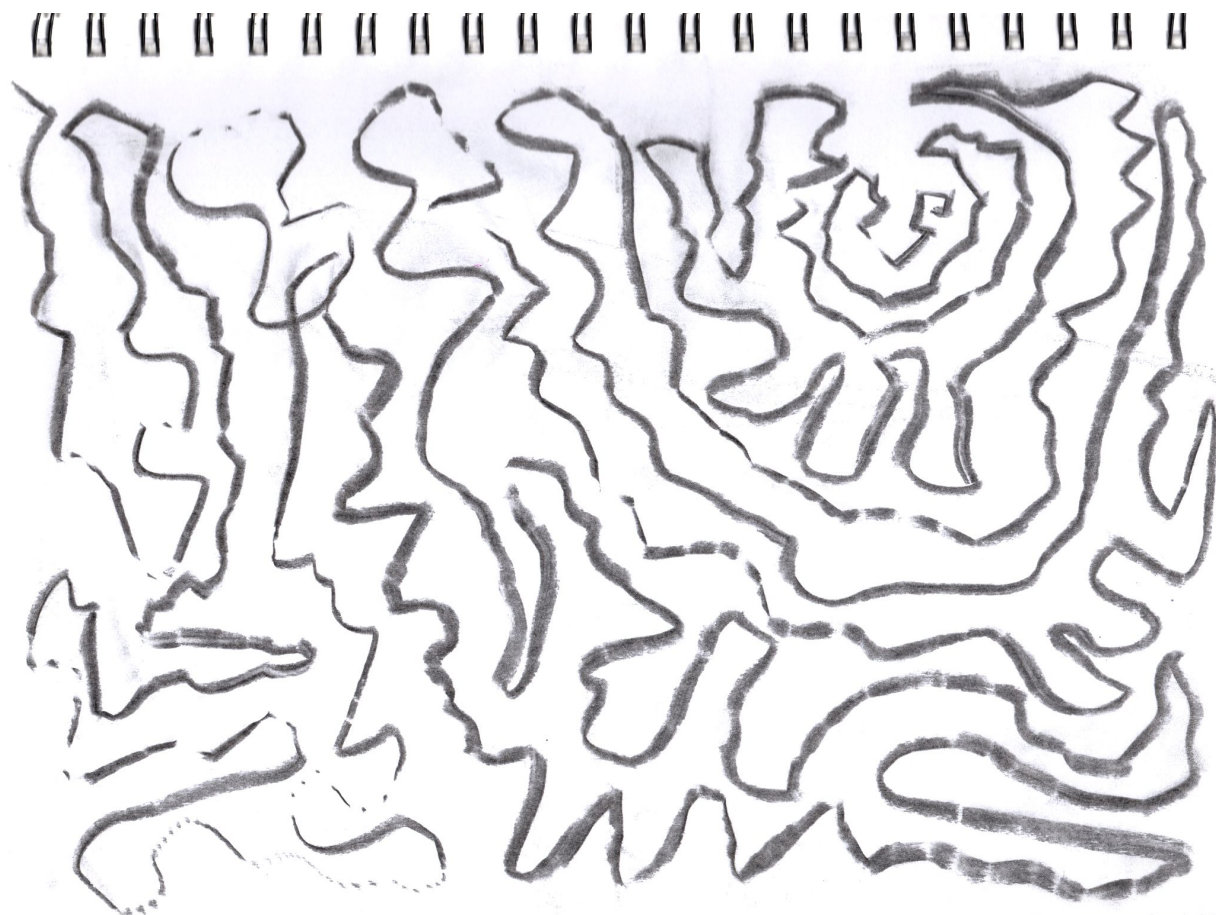
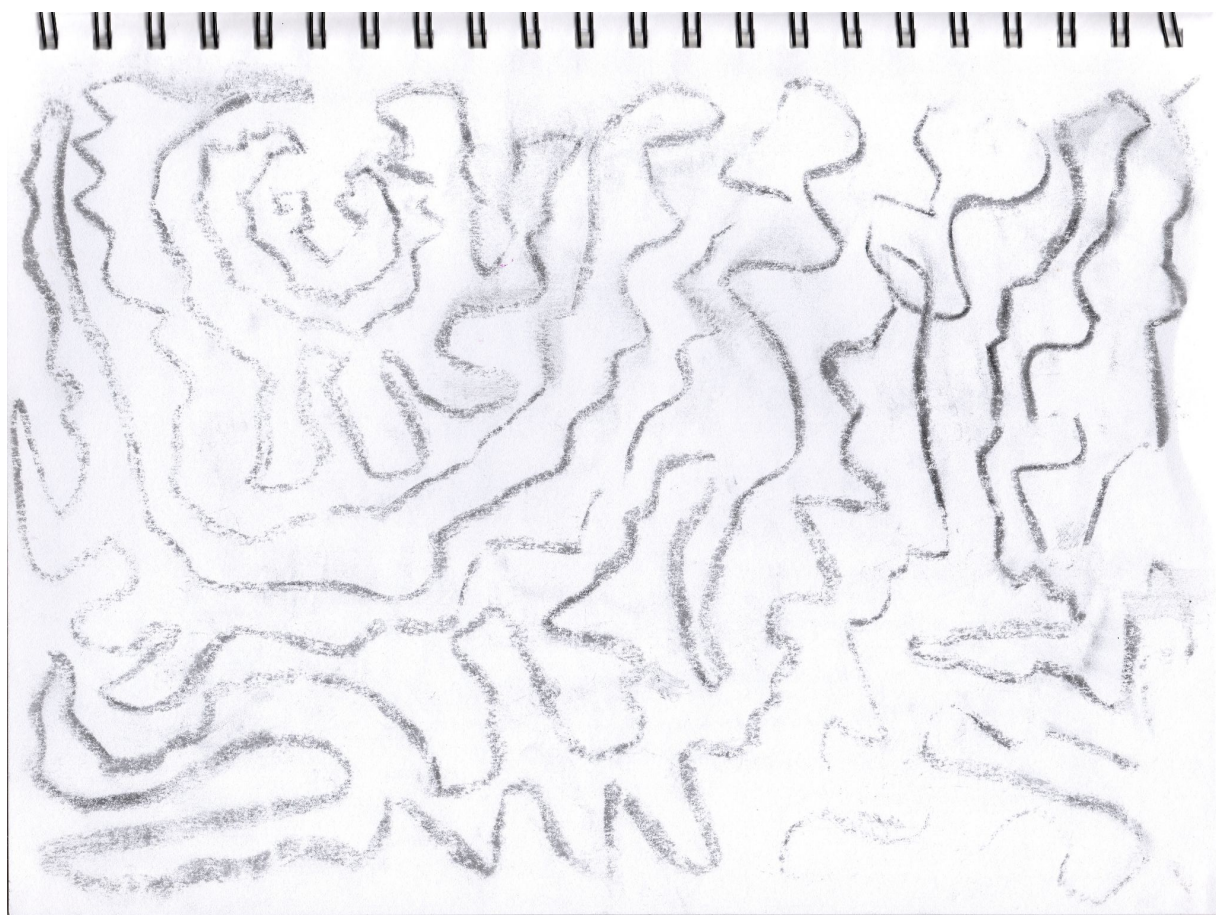


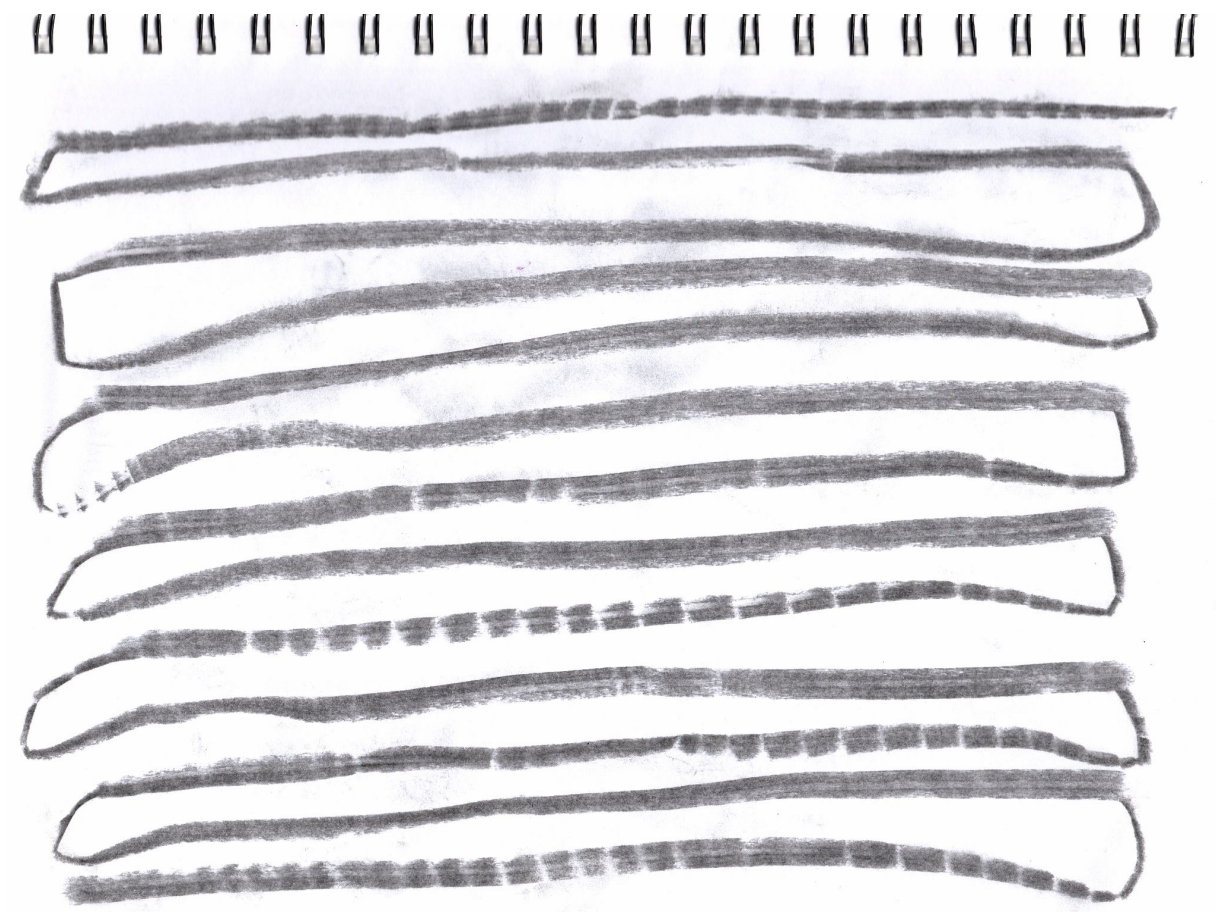
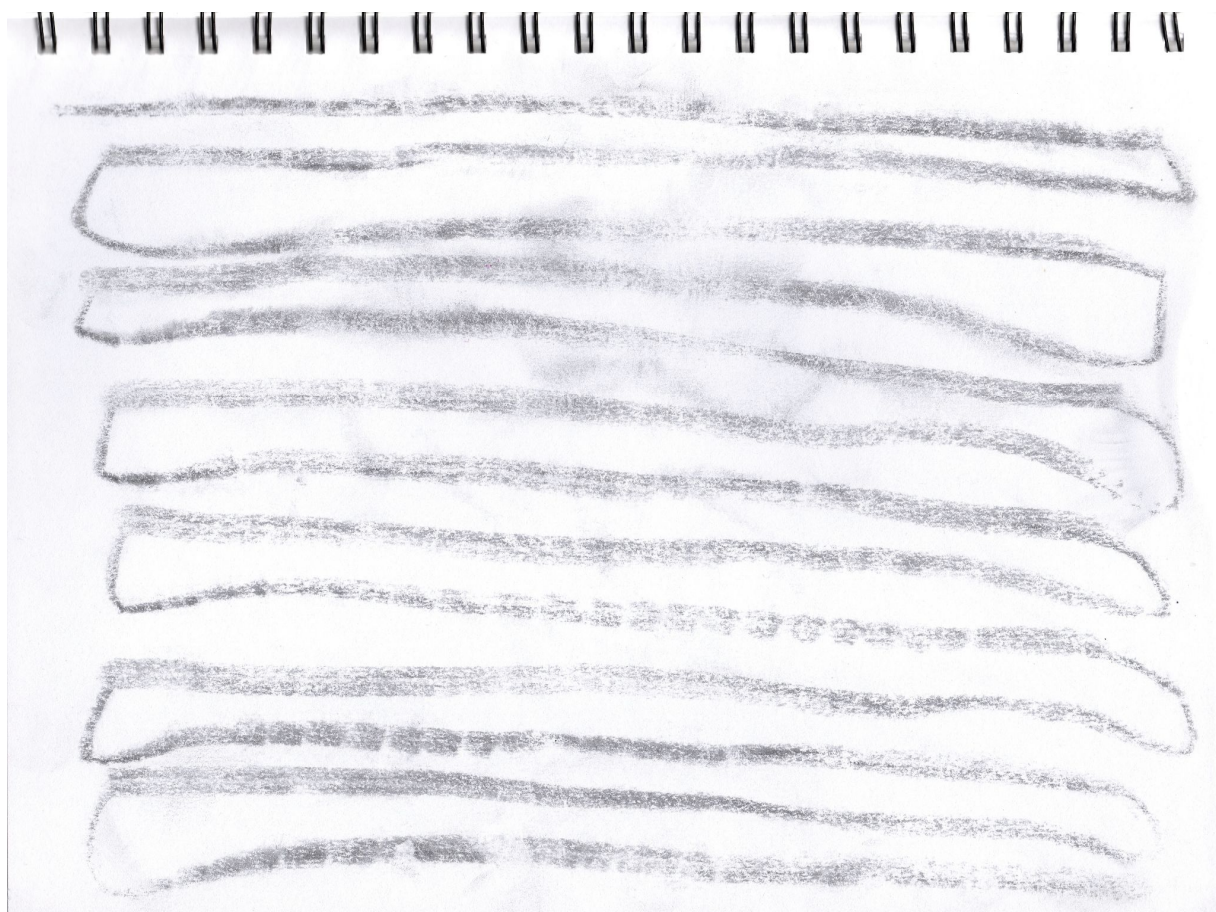


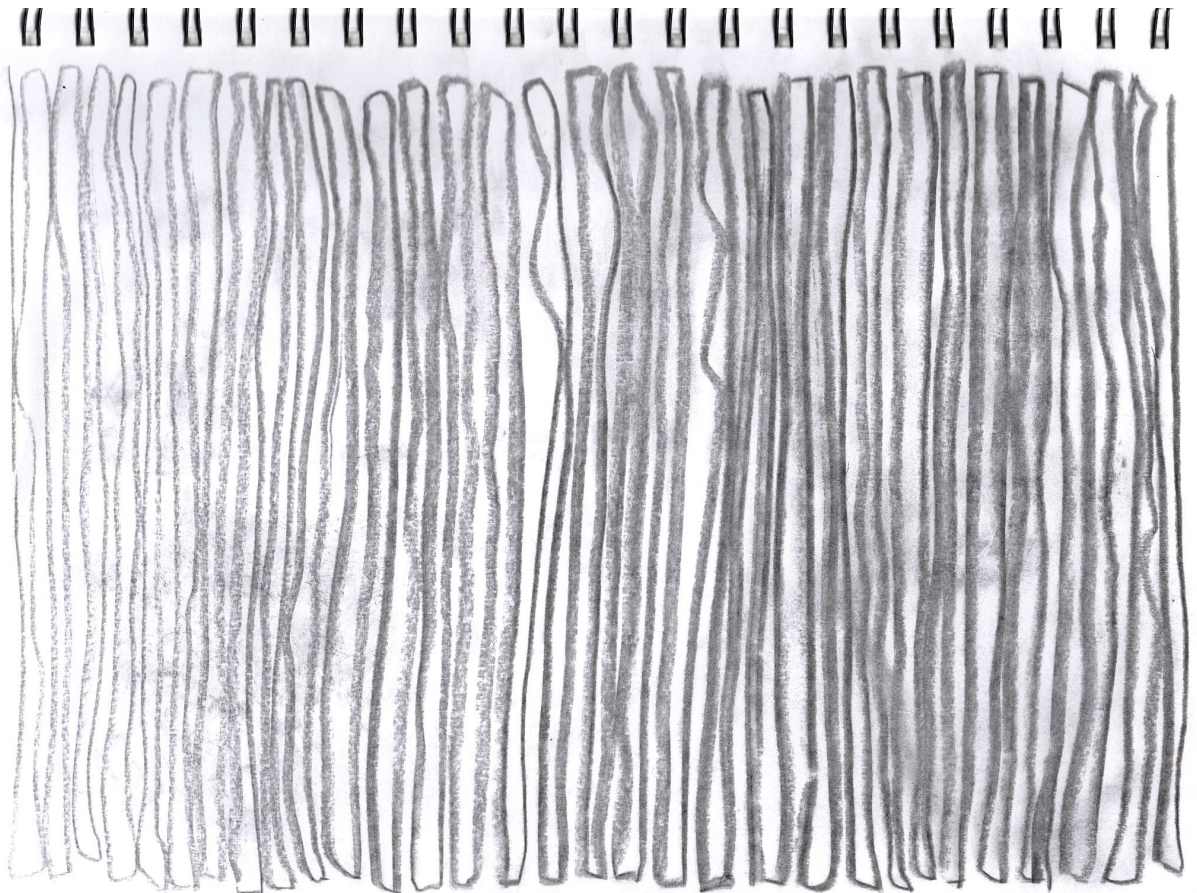
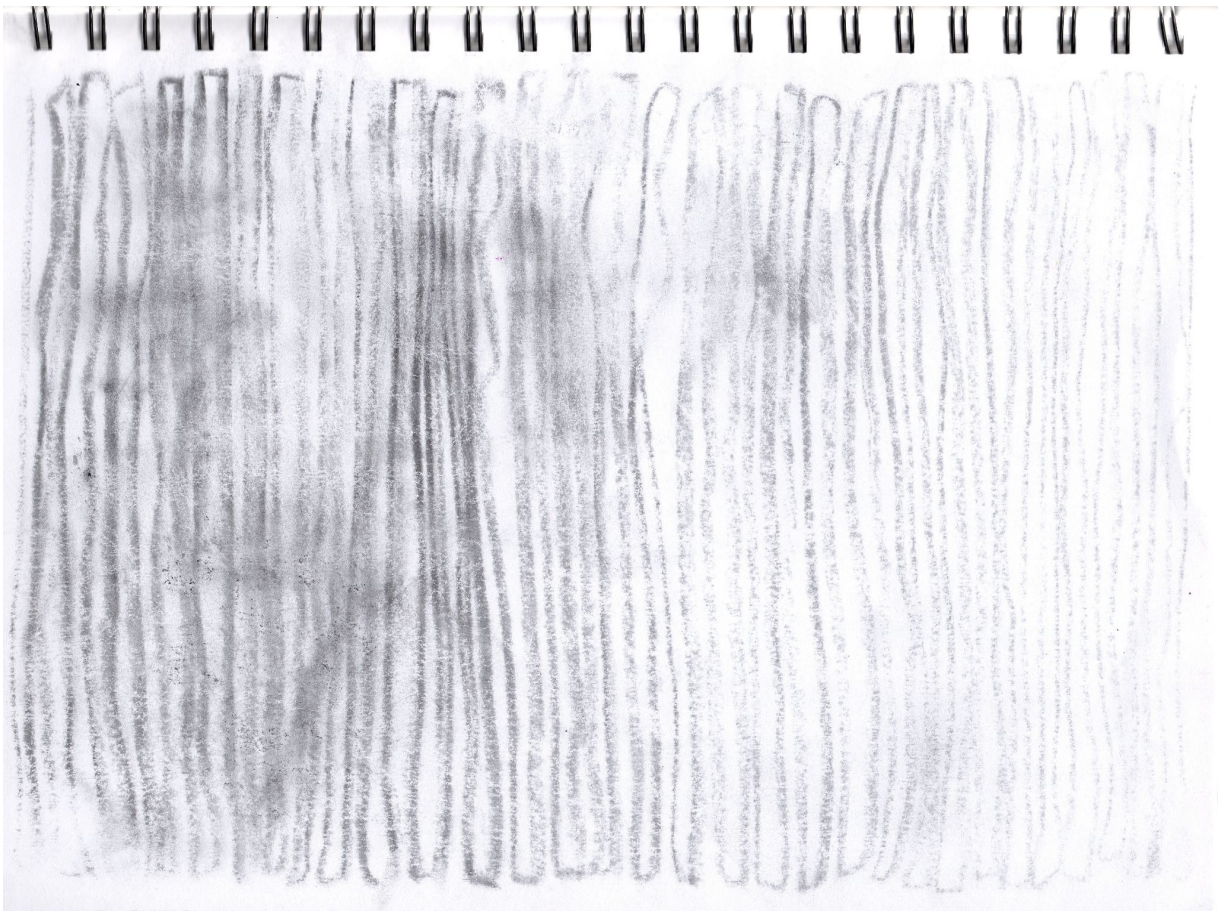


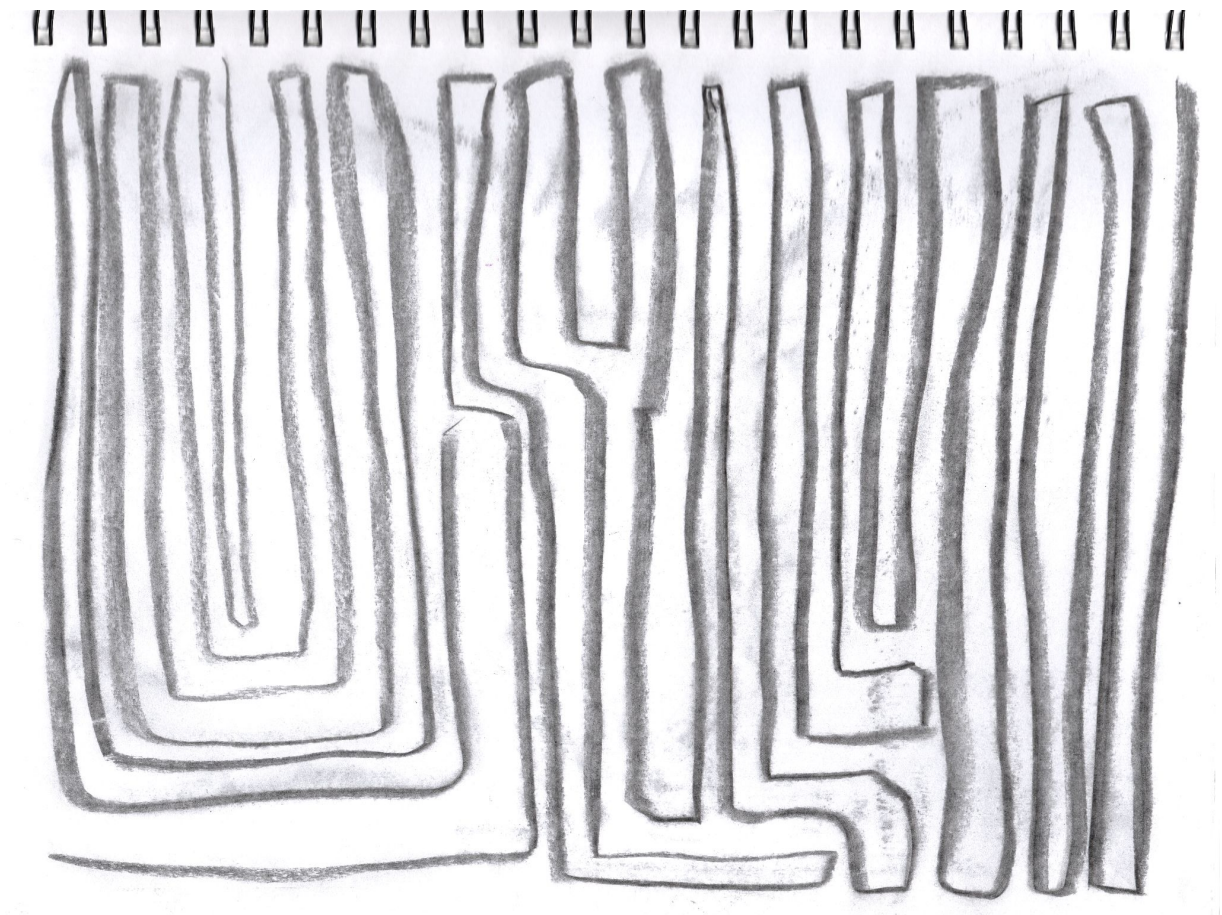
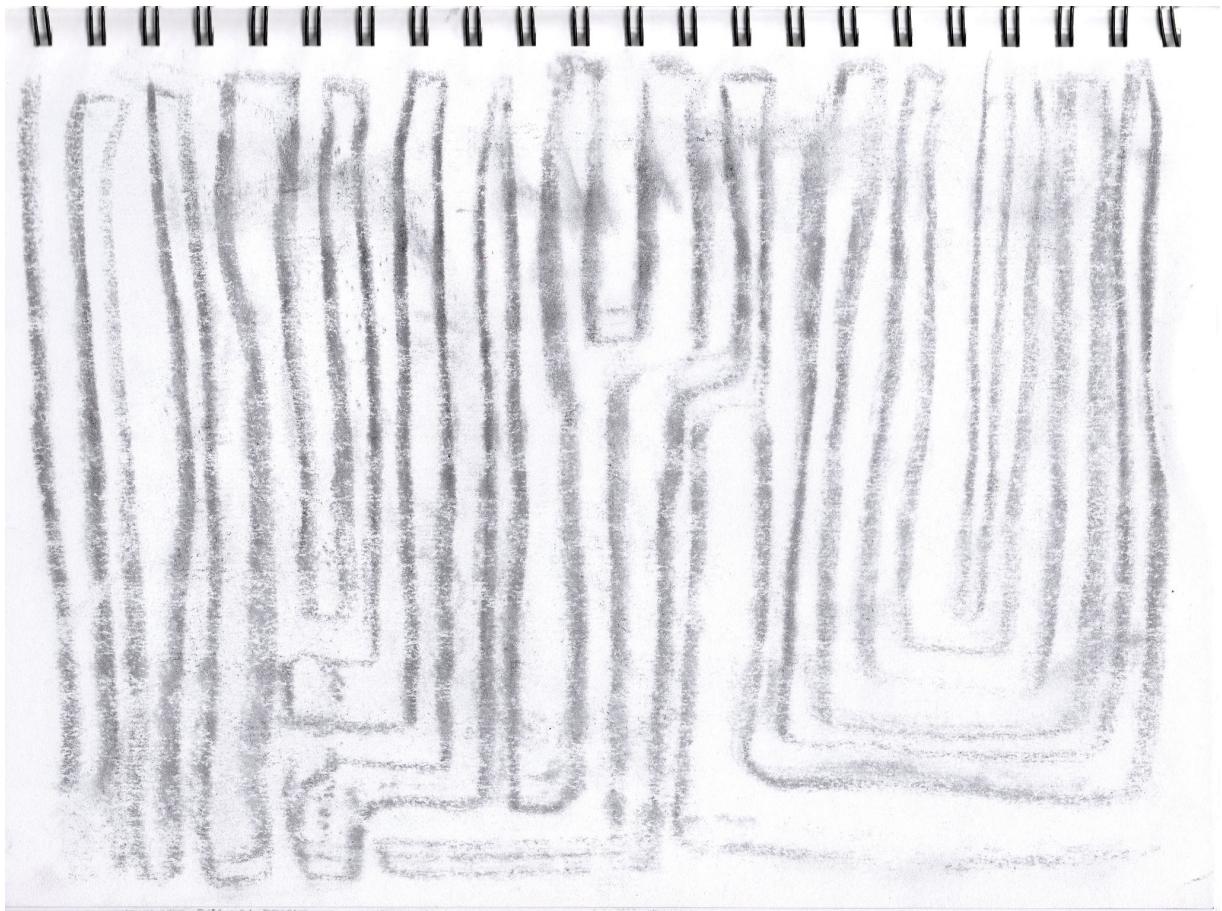


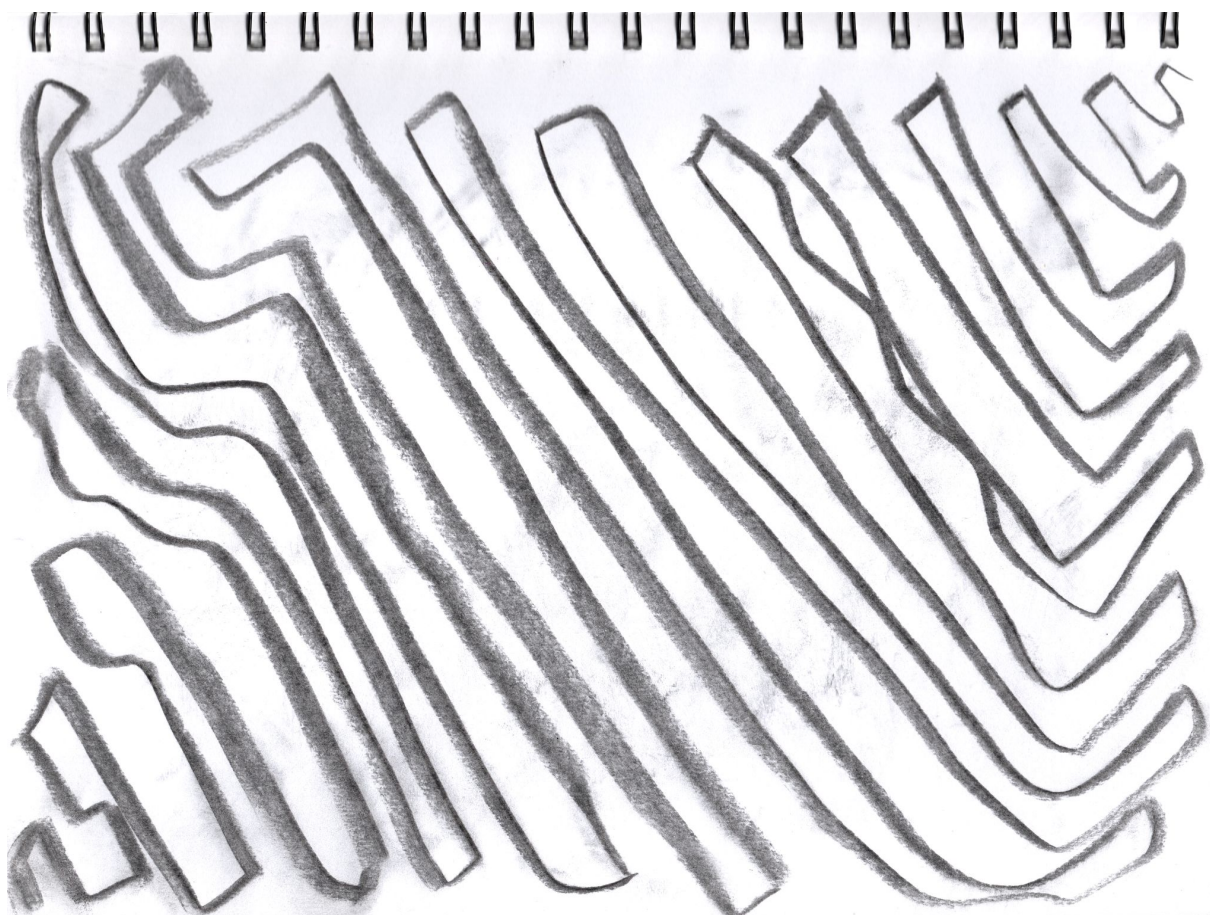
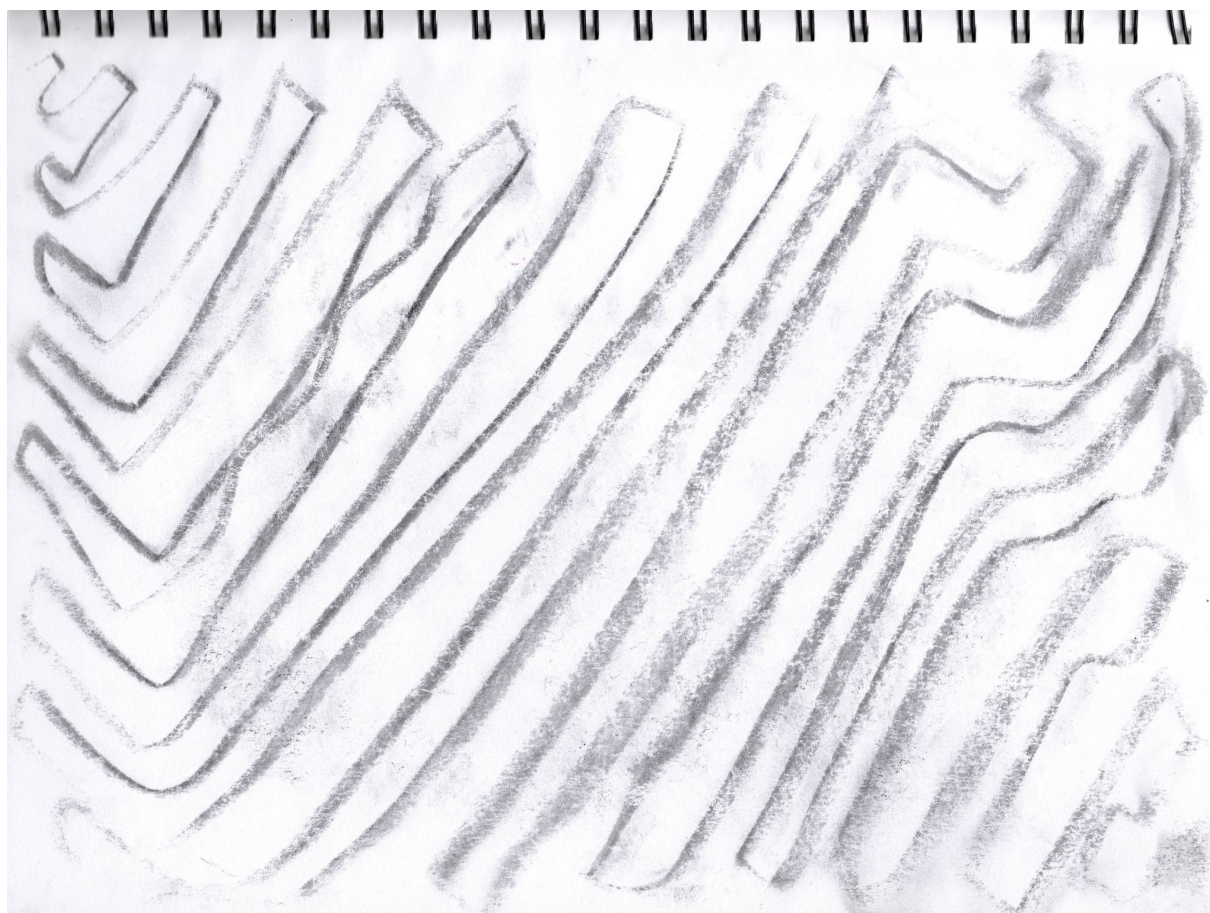


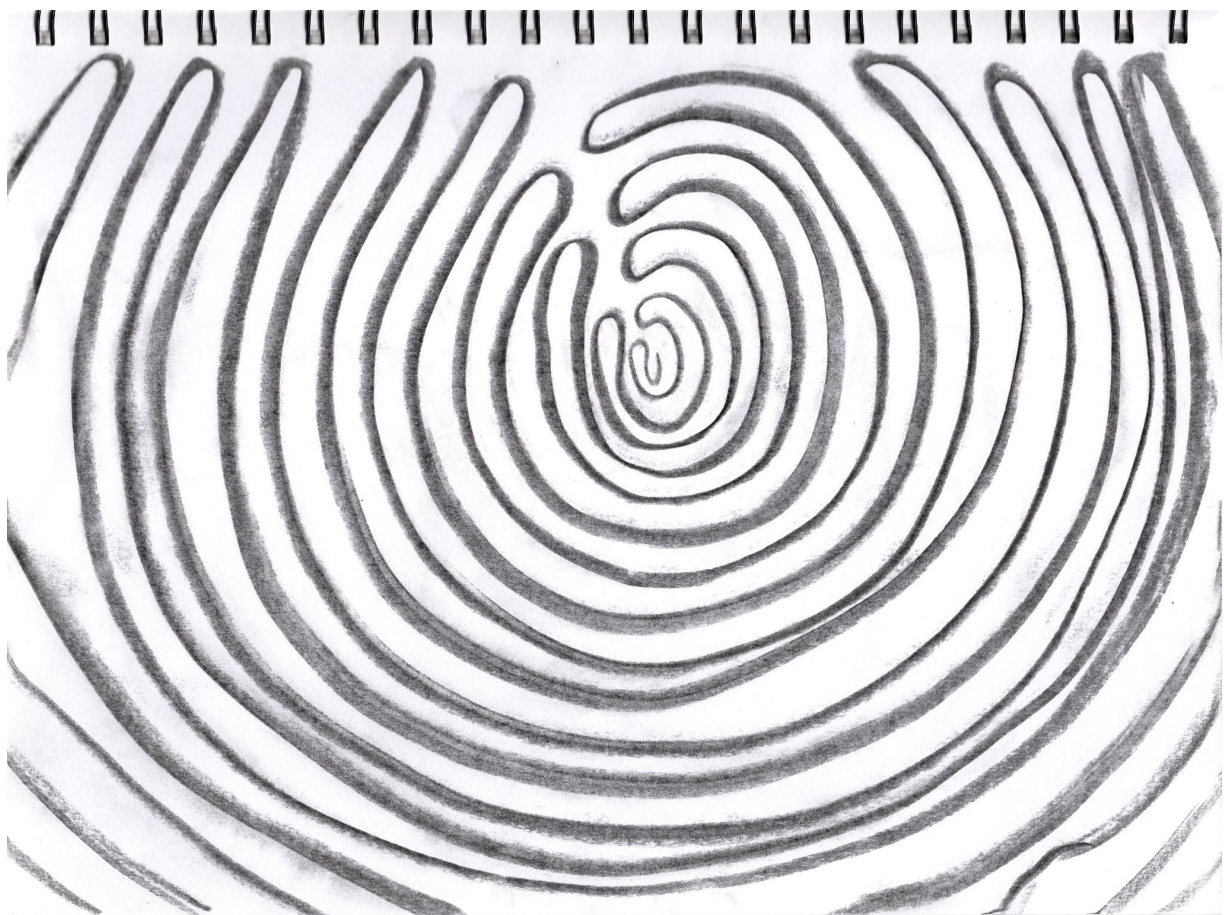
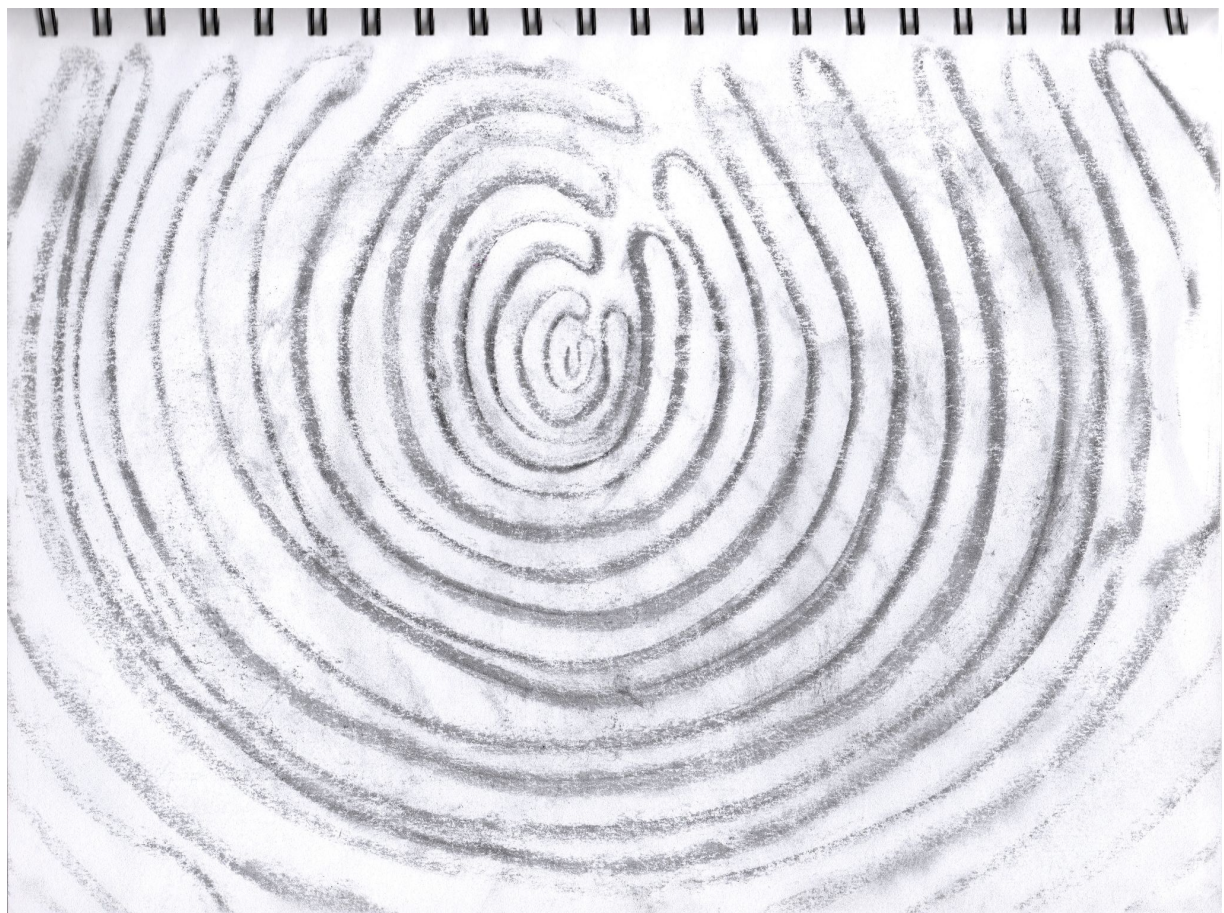


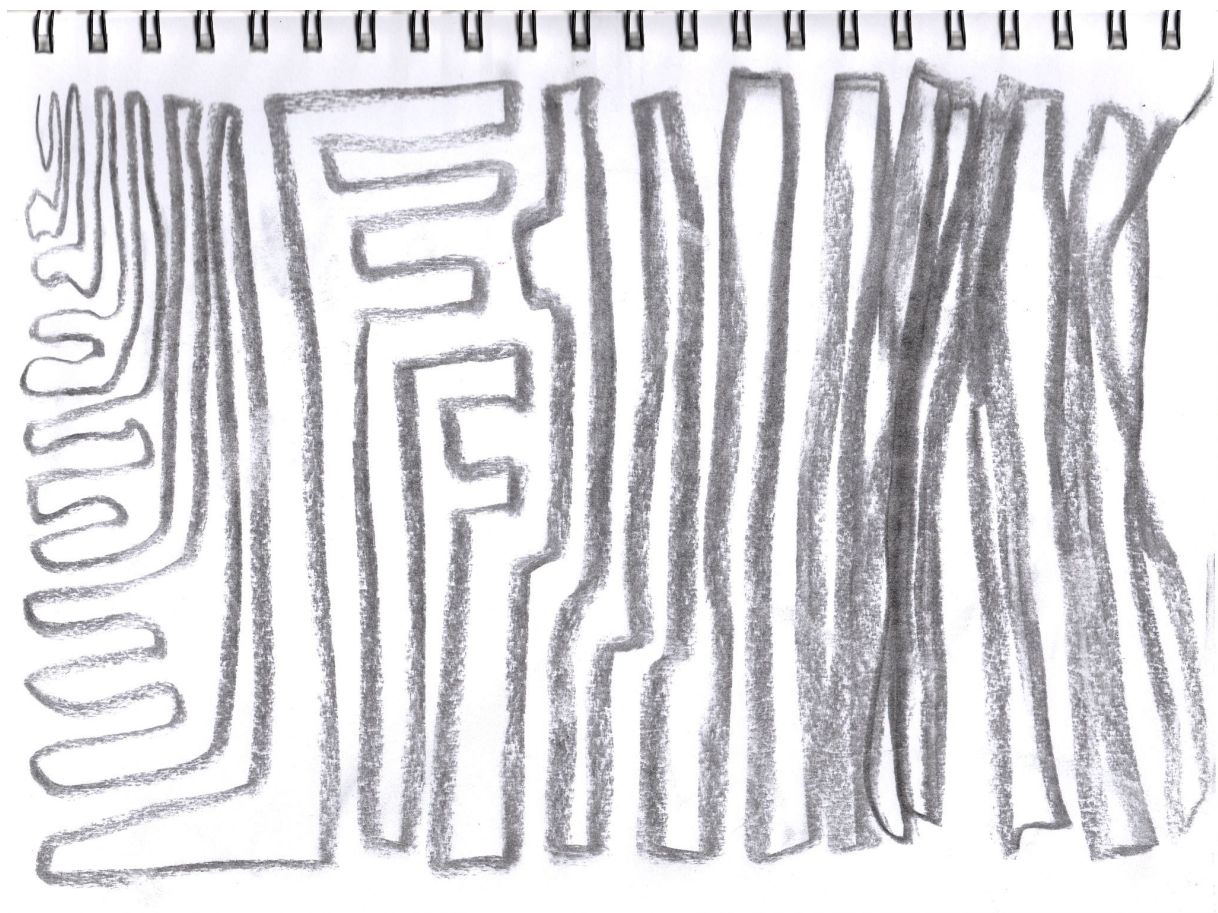
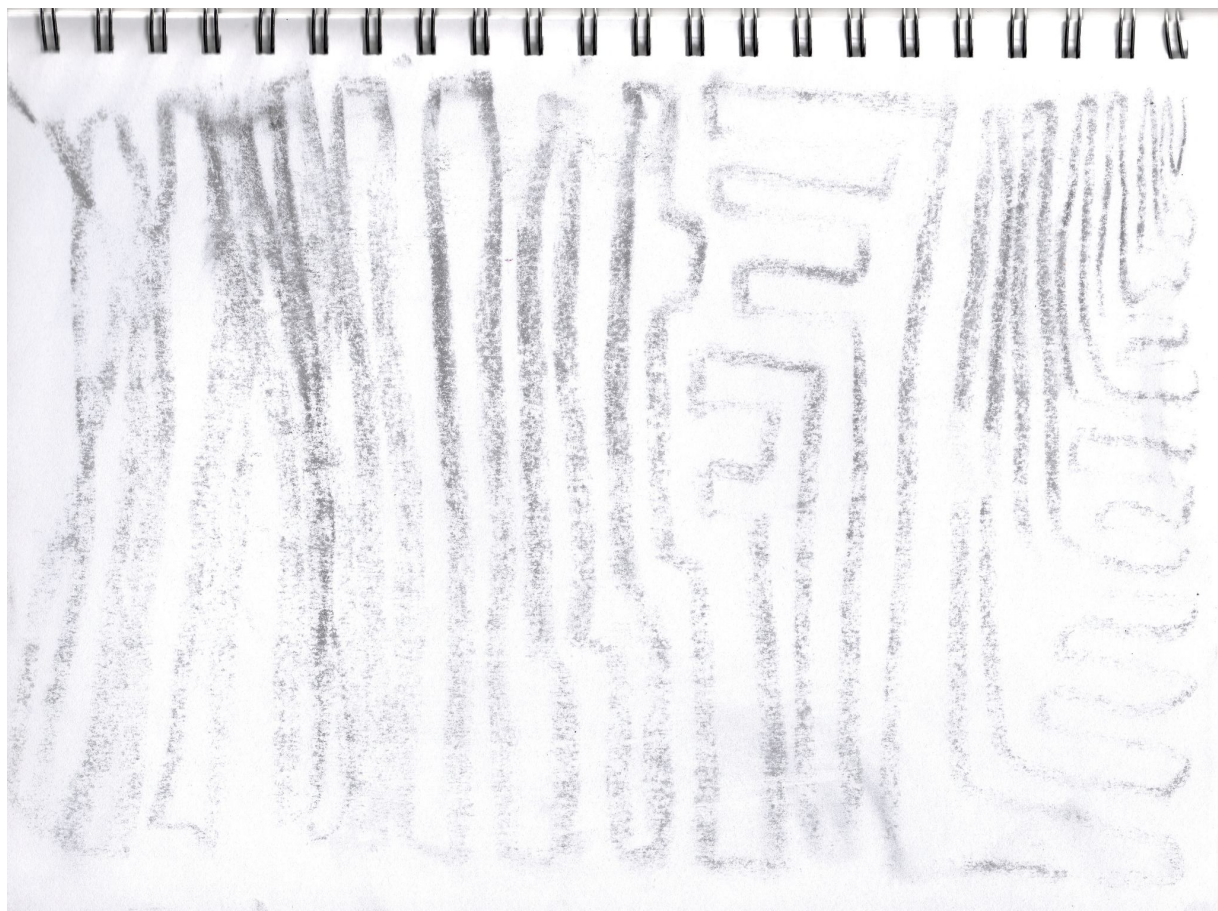














Muito se esconde pelos telhados
pelas frestas
pelas brechas de buracos

Busco a captura de um outro traçado.
Desesperadamente
tento segurar em um fragmento
aquele registro na minha memória

5. OLHAR

Declarar que um corpo está em desequilíbrio é concomitantemente afirmar que está em movimento. Deslocar-se é necessário para que, ao desequilibrar, a desorientação permita o *perder-se* e, com isto, conheçam-se outras rotas. O indivíduo que se propõe a observar por outros ângulos, decide por um instante estar distinto do seu comum e encontrar-se em Outro.

A fim de ver diferente, Nick Sousanis nomeia sua História em Quadrinho como Desaplanar e define que isto

“é envolver múltiplos pontos de vista para, a partir deles, produzir novos modos de ver.” SOUSANIS, N. (2017, p.32)

Costumeiramente andamos por entre prédios altos e inacessíveis a qualquer um que somente transite pelas calçadas. É dado ao coletivo apenas o que se pode ver da rua, da terra, do público. Para olhar de cima, é preciso entrar, romper, atravessar portas, porteiros, escadas e elevadores. Ainda assim, só vemos o externo a partir de janelas, de buracos, de fissuras encontradas no espaço. Cruza-se um íntimo para conseguir ver o que só um Outro particular acessa com seus sentidos.

Este modo de questionar a vista, de viver para além dos planos, está diretamente ligado à qual direção se posiciona uma câmera fotográfica em um contexto urbano. Uma janela do décimo segundo andar, no centro de uma grande cidade, permite captar o que não é habitual a quem percorre a rua, isto é, a vista aérea. Mais do que se revela do chão e do que se cria em cada imaginário pessoal, é possível segurar o instante dos telhados, dos terraços e dos canos e antenas que cortam o cenário do horizonte de um prédio.

A urgência de romper com a exclusão dos acessos provoca a busca por linhas no espaço da cidade. Instigo meu corpo a estar em

prédios e caçar, através da fotografia, o que só pode ser visto por poucos e assim o tornarem públicos novamente. Trata-se de uma escolha visual artística e política.

Olhar de cima é, portanto, uma metodologia para criar percursos, linhas e mapas. Através da abstração de como se vê, os labirintos são gerados assim como o carvão desenhando no papel. Crio e compartilho, deste modo, novos caminhos para percorrer com os olhos, com as palavras e com os sentimentos.

















Efêmera como o pensamento,
a linha frequentemente
se rompe e se perde.

Apesar de tudo que ela se
alimentou em mim,
há sempre a despedida

Acordo e por um instante lembro:

Estava observando uma cena. Diante de mim, um vídeo captava o que meus olhos tinham certeza da passagem. Eu contava ali, naquelas imagens em sequência, uma história minha e só minha. Deixava para o outro o que só eu poderia compreender em toda profundidade do existir. Esse Outro que também era Eu.

No fim, quando a trajetória em filme era encerrada, a cortina que servia como fundo branco das imagens, perdia seu destaque. Uma luz direta e recortada surgia com avidez e permitia mostrar que eu estava deitada segurando um buquê de flores na altura do peito. Meu corpo em um caixão reforçava minha finitude.

Eu vi e criei meu funeral.

Não sei como morri, mas estava morta.

Diante da minha despedida acordei para recomeçar um novo dia.

6. CONCLUSÃO - MORTE E FINITUDE

Escrevo sobre morte porque preciso falar do que acaba. Acaba a linha, acaba o raciocínio, acaba a poética em se observar. Acaba porque é necessário recomeçar. Nada fica estático porque tudo é continuidade. Porque tudo é desequilíbrio. Encarar o fim é uma questão de ponto de vista, uma forma de se contar uma história.

Acredito que muito pode ser visto com a perspectiva de uma jornada. Início, meio e fim. O ponto do centro é o que capta as aventuras do ir. Porém, sempre, é na finitude que se morre. Para seguir sem amarras é a despedida que nos dá leveza.

Para refletir sobre essa questão, trago quatro arcanos maiores do baralho do tarot: *A Roda da Fortuna* nos resgata sobre tudo que passa, seja bom ou ruim. *O Enforcado*, sobre como diante de algumas situações precisamos olhar de cabeça pra baixo para ver e agir diferente. *A Morte* nos lembra que a finitude faz parte de todo acontecimento da vida. *O Mundo*, por sua vez, internaliza que nunca seremos outra coisa a não ser nós mesmos.

Um corpo que sai, seja para vagar ou para andar com direção precisa, vai em paralelo com a morte. Consciente, seguimos sabendo que precisar ir é também precisar morrer.

Vinda de uma família que tanto mudou de endereço percebo que a finitude sempre esteve presente. A coragem de quem foi, de quem precisou abandonar o lugar familiar e partir para o desconhecido é algo que carrego nas minhas veias e malas. Em todos os cantos que olho no meu passado, encontro o adeus da terra habitual. Precisar morrer é também precisar perder-se.

Por não haver fuga quanto à desorientação de si e do que se conhece, que

“Quando perdemos certas pessoas ou quando somos desapossados de um lugar ou de uma comunidade, pode ser que algo sobre quem somos de repente se acenda, algo que delineia os laços que temos com os outros, que nos mostra que estamos ligados uns aos outros e que os vínculos que nos compõem também nos encaixam, nos deixam descompostos.” BUTLER, J. (2014)

Por toda linha que acaba, é necessário escrever sobre o fim.
Por toda vida que parte, é necessário escrever sobre o fim.

Escrever sobre a morte é diretamente conectar com o físico, com o corpo que se encerra, com a trajetória que se acaba. Por mais certo que seja, é através da finitude que recordamos da morte. Porém é pela mudança, por resgatar a travessia, que vivenciamos o fim.

Talvez seja por eu não querer desaparecer que eu capture.
Talvez por não querer ver o outro desaparecer que eu o capture.
Talvez seja por isso também que eu escreva: findar o que tá dentro e o que morre fora. Ser um pouco mais fixa no tempo e no espaço que tanto me escapa.

Concluo esse livro.

Entrego a quem me lê,
o meu pedaço de fim desse instante.
Minha jornada ainda continua
por linhas tortuosas e desconhecidas.
Abraço o possível e o talvez.
Sigo.

chegamos novamente no começo de tudo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

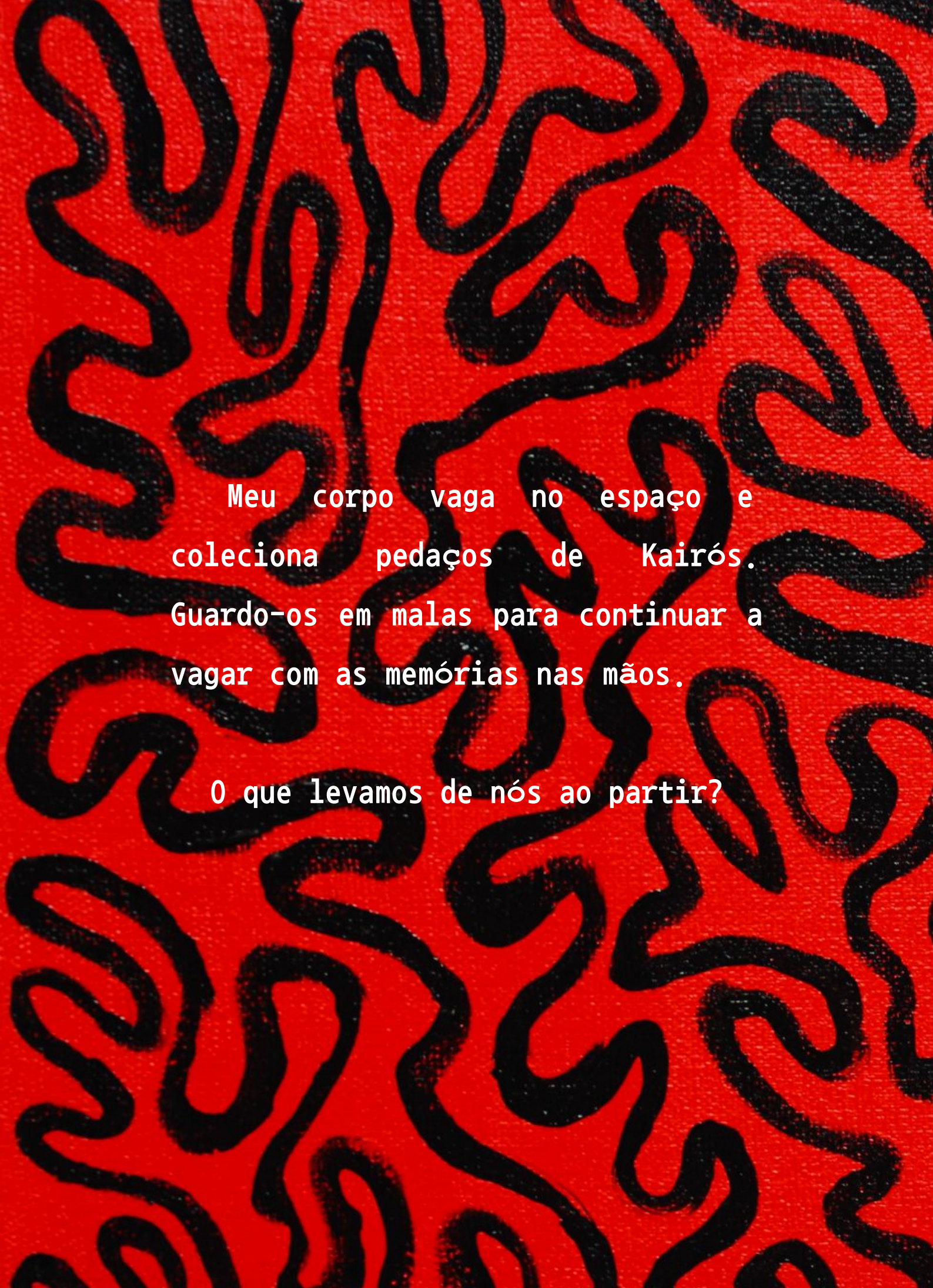
BUTLER, J. **“Vivendo com o Sofrimento”**. Conferência no The Greaf Hall, “The Couper Union 7 East, 7ª Street, Nova Iorque, 28 de abril de 2014.

CURTIS, VP. **“Photographic Memory: the album in the age of photography”**. Nova Iorque. 2011

LA CECLA, F. **“Perdersi, Uomo senza ambiente”**. Roma-Bari, laterza, 1988.

PALLOTINI, M. **“Alle origini della città europea”**. Roma, Quasar, 1985.

SOUSANIS, N. **“Desaplanar”**. Trad. Érico Assis. São Paulo: Veneta, 2015.



Meu corpo vaga no espaço e
colecciona pedaços de Kairós.
Guardo-os em malas para continuar a
vagar com as memórias nas mãos.

O que levamos de nós ao partir?